



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

SILVILENE GOMES DE SOUZA

**AS MULHERES DO NAZISMO E O CAMPO RAVENSBRUCK: a história
das mulheres mais temidas no período da segunda guerra mundial**

Itaituba - PA

2018

SILVILENE GOMES DE SOUZA

**AS MULHERES DO NAZISMO E O CAMPO RAVENSBRUCK: a história
das mulheres mais temidas no período da segunda guerra mundial**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em História.

Orientadora: Prof.^a Mestra em História Raquel Peres
Rocha.

Itaituba - PA

2018

SOUZA, Silvilene Gomes de

AS MULHERES DO NAZISMO E O CAMPO RAVENSBRUCK: a história das mulheres mais temidas no período da segunda guerra mundial / Silvilene Gomes de Souza. Itaituba: FAI, 2018.

73f. il.

Orientadora: Raquel Peres Rocha

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2018.

1. Mulheres. 2. Ravensbruck. I. Rocha, Raquel Peres. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2018.

SILVILENE GOMES DE SOUZA

AS MULHERES DO NAZISMO E O CAMPO RAVENSBRUCK: a história das mulheres mais temidas no período da segunda guerra mundial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciada Plena em História.

Orientadora: Prof.^a Mestra em História Raquel Peres Rocha

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.^a Mara Aparecida do Nascimento, Esp.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Djalмира de Sá Almeida Barros. Dra.

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Raquel Peres Rocha, Ma.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 17 de março 2018.

A minha família, em especial a minha mãe Rosa Gomes e ao meu pai Abílio Elói, que me sempre me apoiaram nessa caminhada e pelo seu amor e carinho dedicados a mim, a eles minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, que sempre me deu forças para continuar minha jornada acadêmica e que não permitiu que eu desistisse diante das dificuldades que surgiram ao longo desses quatro anos de curso, pois sem ele não teria chegado até aqui.

Agradeço aos meus pais Rosa Gomes e Abílio Elói, que me ajudaram bastante. Aos meus irmãos e aos meus filhos por terem acreditado em mim. Não poderia esquecer também dos meus professores que contribuíram para o meu aprendizado e que sempre me motivaram a seguir em frente.

Principalmente a minha professora e orientadora Raquel Peres que me ajudou bastante nesse projeto, a sua paciência para comigo em todos os aspectos, na qual jamais permitiu que eu desistisse.

Aos meus colegas do curso especialmente Jailson Soares e Thaiana Costa e Faculdade de Itaituba.

*Conservei amigos, enfrentei derrotas,
venci obstáculos, bati na porta da vida, disse-
lhe: não tenho medo de vivê-la.*

“Augusto Cury”

RESUMO

O presente trabalho visa abordar a questão da história das mulheres, enfatiza o papel que elas tiveram ao participar do regime nazista no período da Segunda Guerra Mundial e suas práticas, dentro do campo Ravensbruck, no qual foi criado para receber somente mulheres, entender os principais motivos que contribuíram para que as mulheres nazistas se tornassem integrantes do regime que cometeu crimes contra a humanidade. A pesquisa está voltada para ações dessas mulheres que fizeram parte da máquina de destruição de Hitler, cujos planos estavam inseridos a criação de uma Alemanha totalmente ariana. As práticas dessas mulheres nazistas dentro do movimento contribuíram para dar continuidade aos planos de extermínio de pessoas consideradas inferiores pelo movimento. Para essas mulheres que procuravam uma forma de mudar de vida, puderam encontrar dentro do regime a oportunidade de exercer funções que dariam a elas a chance de provar suas habilidades. As metodologias utilizadas no presente Trabalho de Conclusão de Curso foi o levantamento bibliográfico de autores que subsidiaram a presente pesquisa, como Oliveira (2015) e Saidel (2009). Foi utilizado o caráter qualitativo para interpretar as informações levantadas durante a pesquisa teórica. Na primeira fase dessa pesquisa faz-se um contexto histórico da Primeira Guerra Mundial, seus antecedentes para sua eclosão, no qual houve um desfecho para os países vencedores e vencidos, e suas consequências ao término da mesma. A segunda fase aborda a eclosão da Segunda Guerra e a Alemanha tendo a participação nesse conflito, na qual surge a figura de Hitler e sua ideologia nazista. Chegando ao foco da pesquisa que são as mulheres nazistas e o campo Ravensbruck, o crime cometido por elas contra outras mulheres, o fim do campo e a punição das mesmas que o comandavam.

Palavras chaves: Segunda Guerra Mundial, Mulheres, Ravensbruck.

ABSTRACT

The present paper aims to address the issue of women's history, emphasizes the role they played in participating in the Nazi regime during the Second World War and its practices within the Ravensbruck camp, where it was created to receive only women, to understand the main reasons which contributed to the Nazi women becoming members of the regime that committed crimes against humanity. The research is focused on the actions of these women who were part of Hitler's machine of destruction, where their plans were inserted the creation of a totally Aryan Germany. The practices of these Nazi women within the movement contributed to continuing the extermination plans of people considered inferior by the movement. For these women seeking a way to change their lives, they were able to find within the regime the opportunity to perform functions that would give them a chance to prove their abilities. The methodologies used in the present work of completing the course were through the bibliographic survey of authors who subsidized the present research as Oliveira (2015) and Saidel (2009), it also used the qualitative character to interpret the information raised during the theoretical research. The first phase of this research is a historical context of the first world war, its antecedents for its outbreak, in which there was an outcome for the winning and defeated countries, and their consequences at the end of it. The second phase deals with the outbreak of the second war and Germany taking part in this conflict, where the figure of Hitler and his Nazi ideology emerges. Arriving at the focus of the research are the Nazi women and the Ravensbruck camp, the crime committed by them against other women, the end of the camp and the punishment of those who commanded it.

Keywords: World War II, Women, Ravensbruck.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 A 1ª GUERRA MUNDIAL	12
2.1.1 O início da 1ª Guerra Mundial.....	15
2.1.2 Desfecho: vencedores e vencidos.....	22
2.1.3 As consequências da guerra.....	24
2.2 ORIGENS DA 2ª GUERRA MUNDIAL	25
2.2.1 Adolfo Hitler e a ideologia nazista	27
2.2.2 Hitler e os campos de concentração	38
2.3 AS MULHERES E SUAS HABILIDADES PARA MATAR.....	42
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	44
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	44
3.2 AMBIENTE DA PESQUISA.....	46
3.3 DESCRIÇÃO DA PESQUISA.....	48
4 RESULTADO DA PESQUISA	50
4.1 A HISTÓRIA INICIAL DO CAMPO RAVESNBRUK	50
4.1.1 A estrutura do campo	50
4.1.2 As mulheres que serviram aos propósitos de Hitler	51
4.2 AS MULHERES NAZISTAS E OS CRIMES COMETIDOS POR ELA DENTRO DO CAMPO	54
4.2.1 Algumas profissionais que trabalharam para o regime nazista.....	55
4.2.2. Erna Petri, a única mulher condenada pelos seus crimes	66
4.2.3 O desfecho desse julgamento para as mulheres Nazistas do Campo Ravensbruck.....	68
5 CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia traz como tema as mulheres do nazismo e o campo Ravensbruck: A história das mulheres mais temidas no período da Segunda Guerra Mundial. Ao analisar os períodos das grandes guerras mundiais, percebe-se que não é abordada a questão da participação de mulheres nos campos de concentração, pouco se sabe da trajetória dessas mulheres, o que elas faziam, ou como acabaram fazendo parte de um período tão cruel da história da humanidade.

O objetivo geral dessa pesquisa é entender os motivos que contribuíram para que as mulheres nazistas se tornassem integrantes do regime que cometeu crimes contra a humanidade. Analisar as formas de como essas mulheres comandavam os campos de extermínio. Além de compreender os reais motivos que as tornaram assassinas cruéis, como também identificar as práticas de torturas que elas executavam nos campos de concentração.

Para melhor nortear a pesquisa, utilizaram-se algumas questões: O que levou essas mulheres a fazerem parte do grupo de extermínio no período da Segunda Guerra Mundial? Quais eram os crimes que elas cometiam a outras mulheres no campo Ravensbruck? Essas mulheres que participaram dos assassinatos e torturas nos campos de concentração foram punidas e condenadas pelos crimes hediondos contra a humanidade?

Para alcançar os objetivos traçados, o presente trabalho fez-se uso da pesquisa Bibliográfica com caráter qualitativo, representada por uma revisão bibliográfica de livros, artigos e sites da internet.

Torna-se importante abordar essa temática devido à falta de informações que não são encontradas nos livros didáticos e que poucos conhecem, pois, existiam mulheres que atuaram nos campos de extermínio e que foram capazes de cometer as piores atrocidades contra outros seres humanos.

Torna-se relevante fazer uma pesquisa sobre essas mulheres por causa da falta de informações sobre seus envolvimento dentro do campo, e ao mesmo tempo é fundamental entender os que as levaram a participar de um regime tão radical, qual era sua ideologia e como tiveram a frieza de assassinar milhares de pessoas inocentes.

A execução dessa pesquisa justifica-se em virtude, do pouco que se tem escrito sobre as mulheres nazistas. Apesar dos livros didáticos abordarem sobre a Primeira e a Segunda guerra mundial, um conflito que marcou o mundo, e ao mesmo tempo com tantos autores escrevendo sobre elas, o que se pode perceber é que pouco se fala nessas mulheres e os crimes que praticavam contra outras mulheres dentro do regime nazista.

Muitos ainda desconhecem essa parte da história, pois há poucos relatos sobre elas, e o que se sabe é que apenas existiam homens que comandavam tais procedimentos e que existiam apenas campos de concentração voltados para os dois sexos e não unicamente para a mulher. No entanto, não é como se lê nos livros didáticos, existiram outros campos destinados exclusivamente para as mulheres e quem os comandava eram também mulheres que eram treinadas para isto.

A presente monografia aborda um dos grandes acontecimentos históricos do mundo, que foi o início da Primeira Guerra Mundial, os motivos que antecederam esse conflito, o que aconteceu com os países vencedores e derrotados e as consequências que essa guerra causou para o mundo. Diante dos fatos ocorridos, os resultados para os países vencidos não agradaram muito, o que acabou gerando um sentimento de vingança, o qual foi um dos motivos que fizeram com que eclodisse uma Segunda Guerra ainda mais terrível.

O sentimento de revanche fez com que Hitler conseguisse chegar ao poder e, assim, pôr em prática sua ideologia nazista, iniciando um dos períodos mais negros da história da humanidade, com seus ideais de superioridade alemã, deu início à perseguição contra os judeus, enviando todos para os campos de concentração para que fossem exterminados.

Vale ressaltar, que não foi o suficiente para executar seu plano de assassinatos em massa, não se satisfazendo com os campos já abertos para receber as pessoas marcadas para morrer dentro do seu regime, foi construído outro campo de concentração exclusivo para receber somente mulheres. Mulheres estas que aderiram ao nazismo, compactuaram veemente com o funcionamento desse lugar, faziam parte desse regime, e comandava as atividades dentro e fora do campo. As mulheres nazistas fizeram seu papel sem nenhum remorso, as enfermeiras que se alistavam para

trabalhar dentro dos campos, cometeram assassinatos, torturas, seguiam às ordens de seus superiores sem contrariá-los.

As secretárias que exerciam funções no escritório do regime eram competentes e a elas foram designadas selecionar os números de pessoas que deveriam morrer. Porém, foram as esposas dos oficiais, homens de confiança de Hitler, que mais cometeram assassinatos. Foi a chance que tiveram para provar que eram mais do que esposas, que poderiam ir mais além do que seus companheiros imaginavam, sendo assim tiveram a oportunidade de mostrarem que também saberiam ser assassinas, sem nenhum remorso. Ao término da Segunda Guerra o campo foi invadido, e as mulheres que eram prisioneiras ainda foram encontradas vivas, foram libertadas, mas levariam consigo os traumas do terror e as torturas vividas.

Com o julgamento pós-guerra, muitos sobreviventes puderam testemunhar as atrocidades vividas por elas, e as mulheres nazistas que compactuaram e que foram acusadas como assassinas, foram para o banco dos réus. Algumas se fizeram de vítimas com o objetivo de serem absolvidas, e até foram liberadas por faltas de provas consideradas insuficiente pelos promotores. Somente uma mulher pagou pelos crimes que cometeu dentro do campo, fora condenada à prisão perpétua, porém depois de 25 anos foi liberada, o que acabou deixando uma sensação de injustiça a todos os sobreviventes que serviram de testemunha de acusação contrastais mulheres que tiveram a coragem de matar milhares de mulheres, a sangue frio.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A 1ª GUERRA MUNDIAL

A Primeira Guerra Mundial foi um conflito que ocasionou inúmeras mortes de civis e militares, o país entrou em guerra devido a alguns desses fatores que teriam surgido ao longo dos anos, e que aos poucos terminou provocando uns dos conflitos mais sangrentos da história (MELLO, 2008).

Ainda segundo Mello (2008) disputas coloniais se tornou intensas entre diversos países, o revanchismo francês foi alimentado, a questão Alsacia-Lorena e a questão balcânica, foram alguns desses fatores que desencadeou essa grande guerra. “A principal razão do conflito mundial iniciado em 1914 foi o chamado choque de imperialismo.

Segundo o autor supracitado, as nações se empenharam em uma corrida armamentista, e iniciaram uma extensa disputa por colônias, pois alguns países queriam expandir-se para aumentar seu poderio econômico. Tais disputas entre as potências acabaram criando algumas divergências entre elas, a tensão e a rivalidade foram consequências dessas ambições imperialistas as quais puderam ser manifestadas através de alguns fatores. De acordo com o autor:

Desde a guerra Prussiana, de 1870, que provocou a queda do Segundo Império francês e a unificação política da Alemanha, cristalizou-se a rivalidade franco-germânica. Essa situação agravou-se pelos termos o tratado que obrigou a França a ceder as regiões da Alsaci-Lorena, rica em minérios, e a pagar aos alemães uma altíssima indenização. Unificada com ferro e carvão em abundância, recebendo capital indenizatório, Alemanha industrializou-se, enquanto a França encontrava dificuldades para continuar seu desenvolvimento (MELLO; ITASSU, 2008, p.280).

Com a vitória da Alemanha sobre a França, essa desde então, começou a nutrir um sentimento de ódio e vingança sobre a Alemanha, na qual não aceitava perder um território tão rico e ainda serem obrigadas a arcar com uma indenização tão alta. Os franceses começaram a difundir um nacionalismo exagerado que era exclusivamente relacionado a Alemanha. As novas gerações francesas foram sendo educadas sob o desejo de revanche, o que acabou despertando a necessidade de vingar a humilhação

sofrida por ele, na qual teriam como objetivo recuperar a Alsacia-Lorena (MELLO; ITASSU,2008).

Os fatores que contribuíram para o aumento da tensão entre os países foram a rivalidade econômica e o imperialismo, na qual todos os países imperialistas industrializados buscaram formas de fazer com que os países concorrentes tivessem a dificuldade de se expandirem economicamente nessa disputa imperialista. Alemanha e Inglaterra era um dos países com mais desenvolvimento, o que contribuiu para que essa concorrência entre ambas se tornassem mais grave entre si.

A primeira Guerra Mundial foi sem dúvida, produto da combinação de competição econômica, chauvinismos nacionais, rivalidades imperialistas e dos expansionistas das nações mais poderosas [...]. Noutros termos, o grande conflito foi provocado pelo desejo, evidente em cada uma das grandes nações da época de refazer os espaços econômico-político europeu e extra europeu de acordo com suas respectivas ambições nacionais e imperialistas. (RODRIGUEZ,1994, p.35)

Para Rodriguez, (1994), outro fator importante foram disputas coloniais, concorridas pelas nações industrializadas, teve como consequência a briga pelas colônias da África e Ásia, para os países potentes industriais as conquistas desses territórios resolveriam seus problemas, pois dessa forma poderia utilizar-se que seriam o monopólio capitalista, tendo assim o total domínio sobre o que era adquirido na produção e com isso controlariam as fontes fornecedoras de matéria prima.

Entretanto anseios pela conquista de tais territórios, esses países europeus não tiveram outra saída senão buscarem em outros países para firmarem um acordo, com a única finalidade de não despertarem conflitos entre as nações, o que de certa forma não teve o resultado esperado, pois foi diante de tantas ambições territoriais, que acabaram sendo geradas divergências e quebra de acordo entre essas nações. Os alemães e ingleses eram os principais envolvidos por essa disputa econômica, a qual nenhuma dessas potências queriam perder.

Diante desse contexto, a Europa além de passar por diversos problemas economicamente, ainda vivia constantemente sobre ameaças de conflitos gerados por um âmbito político. Não foi difícil para os países menores, sujeitos a perderem seus territórios, contribuírem com o nascimento de alguns movimentos voltados para o sentimento nacionalista (RODRIGUEZ, 1994).

Nessas regiões na qual as potências exerceriam sua superioridade, e tiveram a oportunidade de expandirem o imperialismo, emergiram o nacionalismo. Com o nascimento desse originaram-se grupos que eram integrantes desses movimentos, dentre eles surgiram: o Pan-eslavismo, cujo movimento defendia que todos os povos que fossem de origem eslava fossem unidos no mesmo país. Existiu também o Pan-germaniano era um acordo em que os líderes da Alemanha tinham como finalidade fazer com que os países com tivessem origem germânica fossem consolidados (RODRIGUEZ, 1994).

Na França, surgiu o sentimento de revanche com o mesmo objetivo, que era a junção de um agrupamento de pessoas que dividissem as mesmas culturas e costumes, pois a finalidade era terem todos esses povos sob o mesmo estado, dessa forma, seria importante destacar que, na Europa, foram criados os principais movimentos nacionalistas com o desejo de concretizar tais objetivos (RODRIGUEZ, 1994).

A hostilidade entre as potências europeias foi aumentando a ponto de qualquer ato poder despertar o começo de uma guerra, entre as tantas divergências e tensões coincidiu com a crise de Marrocos e das ilhas balcânicas o que contribuiu para o acirramento dos dois blocos, o que provocaria a guerra mundial.

De acordo com o autor supracitado, por volta dos anos de 1905 e 1911, aconteceu a crise de Marrocos, os dois países França e Alemanha por muito pouco não iniciaram a guerra, cujo motivo da disputa seria a conquista da região marroquina, no Norte da África com o objetivo de que os governos alemães e franceses resolvessem as divergências entre si.

Em 1906, na cidade espanhola de Algeciras, foi realizada uma conferência internacional para tentar solucionar o problema dos dois países envolvidos pela disputa desse território. Foi decidido que Marrocos ficaria sob o domínio da França, e o restante das faixas de terras que fazia parte do sudoeste africano seria entregue ao governo alemão. No entanto, a decisão que foi tomada na conferência não agradou muito à Alemanha, o que a levou em 1911, a começar um novo conflito, com a finalidade de conquistar os territórios da África, porém a França não almejava iniciar novamente outra disputa, então para impedir a guerra, ela achou melhor abrir mão de uma grande parte do Congo Francês para a Alemanha.

A crise balcânica: As potências também travavam uma disputa pela conquista da península balcânica, diante de tanto conflito, o império otomano foi enfraquecido, o que acarretou no desenvolvimento do nacionalismo. O desejo da Áustria de se expandir e com essa expansão conseguiu anexar a região da Bósnia Herzegovina, o que não deixou a Sérvia muito feliz, já que o interesse dela era juntar todas as regiões que eram formadas por eslavos e formar um único país, formando assim a grande Sérvia.

Diante disso, então houve uma reação da parte dos movimentos nacionalistas, que não aceitaram que a Bósnia Herzegovina fosse anexada ao país austríaco, foi contra essa junção que acabou despertando a ira dos movimentos nacionalista sérvio o que contribui para que se desse início a guerra (RODRIGUEZ 1994)

2.1.1 O início da 1ª Guerra Mundial

Com as disputas das potências industrializadas, a corrida armamentista e a propagação do nacionalismo e o revanchismo eram fatores suficientes para começarem uma guerra, porém apesar de tantos motivos, o que levou ao início da guerra, foi um duplo homicídio em Sarajevo. No ano de 1914, a debilitação do Francisco José já não era nenhuma novidade para a população da Áustria. Seu herdeiro, o belicoso Francisco Ferdinando, preparava-se para assumir o poder e então executar o seu programa de reforma (RODRIGUEZ 1994).

O estopim para a eclosão do conflito mundial, que afetaria não só a Europa, mas sim, outros países, e levaria a um saldo de milhões de mortos, deu-se com o assassinato do Arquiduque, cometido por jovem participante da mão-negra, cujo nome Gravilo Prinzip. De acordo com o autor:

Em 28 de Junho de 1914, um domingo, dia de São Vito e de luto para sérvios, pois então se celebrava o aniversário de batalha de Kosovo que em,1389, selara o destino do reino feudal da Sérvia diante das tropas otomanas, teriam início manobras militares do exército austro-húngaro na Bósnia. Embora ciente dos riscos que corria ao se expor diante de uma população bosníaca passionalmente nacionalista e pró- Sérvia, o Arquiduque Ferdinando, cuja coragem pessoal chegava às raias do fatalismo, resolveu ir a Sarajevo para presidir a cerimônia de abertura militares austríacas declarando na ocasião que “os soldados nunca serão capazes de entender minha ausência (RODRIGUES, 1994, p.51)

O Arquiduque não teve nenhuma preocupação com sua segurança, já que ele mesmo iria visitar um país na qual o sentimento nacionalista era bastante evidente. O governador não tomou nenhuma medida de segurança para proteger o Arquiduque, pois que existiriam vários motivos para a proteção do mesmo, ora Ferdinando visitara um país na qual o nacionalismo era pregado com veemência, pois, as organizações teriam de sobra para eliminar os líderes da Áustria (RODRIGUEZ, 1994).

Vários atentados foram cometidos com a finalidade de aniquilarem o Arquiduque, mas somente um foi concretizado. Sabe-se que a Sérvia não participou desse atentado, pois o país não estaria disposto no momento a gerar um conflito. E enquanto o Arquiduque percorria as ruas da cidade, foi atingido juntamente com sua esposa por tiros, exatamente ao meio-dia de 28 de junho, o casal austríaco foi executado a tiros de revólver pelo estudante Gravilo Prinzip, um patriota sérvio, vindo a óbito no local do crime (RODRIGUEZ, 1994).

A morte do Arquiduque Ferdinando e sua esposa não mudaram a vida da população e o ritmo continua o mesmo, pois não acreditariam que um simples homicídio ocasionaria o país a iniciar uma guerra tão violenta, na qual milhares de soldados perderiam suas vidas e a população em geral, sofreria com os danos causados pelas consequências do conflito. O assassinato de Ferdinando, não gerou muita polêmica para alguns países, pois até mesmo a Áustria não demonstrou nenhuma comoção diante da tragédia já que o mesmo não era muito amado por alguns, devido seu pensamento e ideia que não agradavam ao país. Segundo Rodriguez (1994, p.53), “somente os militares poderiam tirar proveito da tragédia, propondo uma guerra de retaliação contra o governo Belgrado”.

Os partidos que pregavam a paz não queriam que se iniciasse uma guerra e não estariam dispostos a sujeitarem-se às exigências feitas pelos militares. No entanto, apesar das recusas dos partidos que pregavam a paz, os setores militares continuavam tentando atirá-los, afirmando que o atentado ao arquiduque teria sido planejado na Sérvia, e levado o plano para ser executado pela mão negra (RODRIGUEZ, 1994).

Segundo Rodriguez (1994), o atentado ao Arquiduque foi planejado pela Bósnia e não pelo Belgrado, como os militares imaginavam, o líder era Gravilo Prinzip e as suas ideias foram executados pelo movimento que surgiram na Bósnia, cujo movimento era denominado mão negra, alguns jovens bosnianos mantinham uma ligação com

esse movimento. Os grupos desses jovens contavam com um suporte para dar esse prosseguimento aos seus ideais, era oferecido um apoio sendo que estes era o recebimento de armas, balas, na qual esses jovens também passariam por treinamento militar. No entanto, alguns participantes da mão negra enxergavam as coisas de um ângulo diferente do que era objetivado pela mão negra, suas ideologias iam além dos ideais que esse movimento pregava, e com tal antagonismo em relação a esses pensamentos seria inevitável controlá-los, pois estariam obcecados em executar seu plano e ninguém teria a capacidade de detê-los.

Quando a Alemanha, cuja capital era Berlim, foi noticiada do episódio do assassinato do arquiduque, na ocasião não pode tomar nenhuma decisão sobre o que ocorrera, já que os principais líderes do país não se encontravam no momento, o embaixador austríaco precisou viajar urgentemente para a capital da Alemanha na qual buscava uma resposta para solucionar o problema. Então, não restou outra alternativa, senão o secretário do estado recebê-lo e encontrarem juntos uma solução que viesse resolver o impasse em que os dois países se encontravam (RODRIGUEZ, 1994).

O secretário sabia da real situação política da Europa, e tentou amenizar os ânimos causados pela tragédia, sendo sabedor que, se a Áustria partisse contra a Sérvia, acabaria gerando uma guerra, já que diante de tal crise, a Rússia apoiaria os sérvios. De acordo com o autor:

No Estado-Maior Alemão, a crise gerada pela morte de Francisco Ferdinando provocou reações mais perigosas para a paz mundial: muitos almirantes achavam terem chegado a hora de uma guerra preventiva contra a Rússia, cujo acelerado rearmamento preocupava as autoridades militares de Berlim. Lamentavelmente, as atitudes de Kaiser em resposta ao atentado de Sarajevo reforçaram posições defendidas pelos setores mais belicosos do aparelho do Estado germânico. No dia 30 de junho, Guilherme II declarava: “agora ou nunca! Devemos por tudo em pratos limpos com os sérvios, já (RODRIGUEZ, 1994, p. 55).

A Áustria contava com o apoio de Berlim, e devido à situação em que se encontravam, resolveram tomar a decisão de obter uma resposta contra o episódio ocorrido, então a Sérvia no dia 23 de julho recebeu o ultimato da Áustria, impondo a ela que buscasse uma forma de responder ao seu aviso, dando-lhe um pequeno prazo para obtenção de respostas (RODRIGUEZ, 1994).

Os austríacos queriam que o governo sérvio arrumasse uma maneira de acabar com os movimentos nacionalistas e seus simpatizantes, desejava também que fosse permitida a participação dos representantes da política na apuração do inquérito sobre a morte do Arquiduque, para poderem apreender os que teriam sido os responsáveis pela morte do Ferdinando, porém, encontrariam um obstáculo nesse último, pois jamais seus territórios seriam abertos para serem investigados pela Áustria. Tinha-se a ideia de que se o governo sérvio rejeitasse um dos itens que teriam sido imposto, eles encontrariam outro tipo de exigências, e não seria tão radical quanto foram as primeiras (RODRIGUEZ, 1994).

Porém, nada saiu como o que foi pensado e planejado. A Áustria anunciara declaração de que iniciará a guerra contra Belgrado, então no dia 29 de julho ocorre o início do conflito. A Rússia, em contrapartida, também ordenou que as tropas russas comesçassem a operar nas fronteiras, para começar o ataque a Áustria. A Alemanha, sabedora do poderio bélico russo, no dia 30 de julho, deu uma advertência a São Petersburgo, que ordenava a parada com os envios das tropas militares russas, no entanto, ela não foi ouvida, então como retaliação no dia 1º de agosto, a guerra contra a Rússia foi declarada pela Alemanha (RODRIGUEZ, 1994).

Com a guerra declarada aos países, a população de todos os lados almejava pela guerra, não se imaginavam que o conflito duraria mais tempo como o imaginado, porém, a guerra se estendeu mais tempo do que previa e não atingiu países não apenas os que faziam parte das alianças, mas os neutros também foram duramente atingidos pela guerra, na qual milhares de pessoas perderam suas vidas deixando um saldo exorbitante de mortos e feridos (RODRIGUEZ, 1994).

Com a guerra declarada em 28 de julho de 1914, a política de aliança foi reforçada e os países que detinham o poder bélico começara a se organizar para atacar os países adversários. De acordo com o autor:

Nos sete dias seguintes, aliados se juntaram aos dois países. A Alemanha lutou ao lado da Áustria, França, Rússia e Grã-Bretanha formaram outra aliança. Em uma semana, cinco grandes potências e diversas outras menores estavam prestes a lutar (BLAINEY; GEOFREY, 2011, p. 52).

Os países que não eram considerados industrializados e não teriam a mínima capacidade de terra em uma guerra, estavam em constante observação, pois não

poderiam tomar uma decisão de entrar no conflito, pois, ao tomar essa atitude, teriam que ter ciência de que estariam tomando um bom posicionamento ao consolidar sua escolha, pois, não teriam a convicção se era mais vantajoso fazer parte da disputa ou seria melhor ficarem neutros em relação a guerra (BLAINEY, 2011).

Após o pronunciamento da guerra, um mês depois a Alemanha teve um inimigo declarado, o Japão. Em 1914, a Alemanha teve o apoio dos turcos, e quando menos se esperava a Itália acabou trocando de lado. Com toda essa situação, outros países começaram a se organizar e aceitando a guerra, iniciando assim um conflito em alta escala, na qual não teria a mínima ideia que seria totalmente longa e devastadora (BLAINEY, 2011).

No início da guerra, o sentimento de nacionalismo estava à flor da pele, o conflito era desejado, mas não saberiam da dimensão que a mesma poderia ter. “Esperava-se que os sindicatos e partidos trabalhistas em alguns dos países em combate se manifestassem contra a guerra”. No entanto, o que aconteceu foi que algumas etnias acabaram aderindo um sentimento de patriotismo, o alistamento militar já não era mais considerado uma obrigação, mas sim um desejo de ser participante num conflito, acreditando que seriam vitoriosos e que a guerra não se estenderia por muito tempo (BLAINEY, 2011).

Devido às disputas por conquistas de novos territórios e com receio de as tensões entre as potências tornarem-se mais radicais, cada país tomou a decisão de que precisariam fabricar mais armamentos e reforçar seu exército, pois a qualquer momento as rivalidades viriam à tona e seria inevitável a eclosão de uma possível guerra.

Como os países tinham o mesmo objetivo, tiveram a convicção de que se fizessem uma aliança entre os países, formando assim um acordo cuja finalidade era manter-se unidos, caso eclodisse algum conflito, diante disso, qualquer país que entrasse em uma guerra os aliados tomavam-se as dores dando apoio ao país, os pactos de aliança foram então firmados em dois blocos, denominadas Tríplice Entente, a tríplice Aliança, na qual a Alemanha, Itália e Império Austro húngaro fariam parte do bloco da Aliança e a Entente seria composta pelos países da França, Inglaterra e Rússia e com a declaração da guerra, cada um deu seu apoio ao país ao entrar no conflito. (MAGNOLI, 2006). A guerra foi dividida em duas fases, de acordo com o autor:

A Guerra de Movimento começa em agosto, com a invasão de Luxemburgo e da Bélgica pela Alemanha, e termina em fins de dezembro de 1914, com primeira Batalha do Marne e corrida para o mar. [...] A fracassada ofensiva franco-britânica em Artois, em junho de 1915, marca o início da Guerra de posição; a vitória aliada na batalha de Amiens, em agosto de 1918, é seu fim. Nos últimos meses de 1915, do mar do Norte à fronteira da Suíça, numa linha geral de 800 km, de Ostende-Ypern-Lille-Soissons-Reims-Verdum-Nancy-Belford, a Frente Ocidental está estabilizada. Os dois lados cavam trincheiras, para passar o inverno, até que a chegada da primavera permitisse retomar a guerra de movimento. As trincheiras ficaram por três anos, até o fim, marca inesquecível da Grande Guerra (MAGNOLI, 2006, p. 356-360).

A guerra de movimento durou alguns meses até 1915, o que a caracterizava era o deslocamento das tropas militares para o território inimigo, o que acabou não tendo muito sucesso, pois, a estratégia deixava os soldados desprotegidos já que esses teriam que avançar em áreas abertas, o que facilitou para os seus adversários contra

A segunda fase deu-se, com a guerra de trincheiras na qual os soldados cavavam valas com uma profundidade de 2,5 metros com a finalidade de evitar que o inimigo conseguisse se aproximar das tropas. As trincheiras eram protegidas com arame farpado os soldados colocavam sacos de areia para a proteção e melhoria de sua defesa contra os bombardeios das tropas adversárias. No entanto, as trincheiras não contribuíram muito beneficentemente para a proteção desses soldados, pois os mesmos ficavam a mercê de alguns fatores que os levaram ao desgaste físico e emocional (MAGNOLI, 2006).

Os combatentes tiveram que enfrentar o frio, durante os longos tempos de batalha, em que muitos morriam por causa da frio, a chuva contribuía para que as valas cavadas para a proteção dos soldados ficassem encharcadas, sem ter um escoamento da água, gerada pela chuva, o que acabava dificultando a vida dos militares, viviam sobre os outros corpos, pois os soldados mortos pelas tropas inimigas eram deixados nas trincheiras, devido à impossibilidade de serem retirados das valas uma vez que a qualquer tentativa de saída sem planejamento dos combatentes poderiam causar-lhe a morte (CROUZET, 1996).

Então, não havendo alternativa senão a serem obrigados a ficarem dividindo o espaço com os mortos, o que contribuía para o surgimento de doenças, devido à decomposição dos corpos, fazendo assim com que insetos e animais que transmitiam doenças, tornassem os soldado vulneráveis e o sistema imunológico também era afetados, contribuindo para a morte desses e os que não vinham a óbito pela artilharia

inimiga, acabavam morrendo devido as doenças e à falta de higienização nas trincheiras (CROUZET,1996). De acordo como autor:

Nunca os homens tiveram de suportar tantas provações como combatentes desta guerra, sobretudo a partir do momento em que estabilizaram as frentes de luta. Mantidos nas posições durante o inverno de 1914 e 1915, em trincheiras mais ou menos profundas, expostos sem abrigo, não só aos bombardeios e os ataques de surpresa, mas ao frio e a chuva, mal abastecidos, amiúde devorados pela vermina privados do sono pela necessidade da atalaia, os soldados vivem dentro d'água, com lama até os joelhos (CROUZET, 1996, p. 52).

Conforme Crouzet (1996), a vida nas trincheiras não era uma tarefa fácil, pois viviam em constantes tensões, o contra-ataque dos adversários ficaram mais agressivos, pois os bombardeios não eram mais apenas térreos, mas sim aéreos, o que acabou contribuindo para a decadência das tropas opostas. Os soldados, cada dia mais exaustivos por causa dos combates ficavam mais fragilizados, devido a uma alimentação escassa, começavam a sentir a ausência de suas forças para lutar em uma guerra que já teria se estendido mais tempo que se esperava.

Um dos momentos decisivos para o final do conflito foi a entrada dos Estados Unidos na guerra e a saída da Rússia. Os Estados Unidos era um grande fornecedor de produtos bélicos para os países em combate, até então se mantinha distantes dos conflitos, porém, essa posição começa a mudar diante das circunstâncias de alguns episódios acontecidos. A Alemanha como uma estratégia das disputas em fevereiro de 1915, a Inglaterra soube do anúncio na qual Alemanha declarava bloqueio, interceptando todos os navios que levassem mercadorias para supri-los (CROUZET, 1996).

Conforme Rodriguez (1994), o bloqueio não atingiu somente os países envolvidos nesse conflito, mas também os países neutros começaram a ser atacado pelo governo alemão, o que viria a contribuir para que os Estados Unidos, dois anos mais tarde, após o início do conflito, saísse da neutralidade, tendo motivos suficientes para entrar na guerra.

A Alemanha agindo de uma forma impensada, não saberia e nem teria a mínima ideia de que estaria travando sua derrota no combate, considerando que os Estados Unidos era quem disponibilizava muitos recursos para suprir os países que estavam no

conflito, também teriam capacidade suficiente para enviar suas tropas para atacar os países, sendo que dispunha de um grande poderio bélico e materiais utilizados na guerra. De acordo com o autor:

Aos poucos, contudo, os Estados Unidos demonstrariam publicamente uma crescente solidariedade aos países da Entente, fornecendo a eles ajuda econômica e apoio financeiro. Em abril de 1917, os Estados Unidos declararam guerra aos impérios centrais. Inúmeros foram os fatores que levaram a administração americana a tomar essa atitude extrema: em primeiro lugar, a campanha submarina alemã que claramente ameaçava as exportações americanas; em segundo, a saída da Rússia da guerra, o que depurava a Entente de seu componente antidemocrático; em seguida que o Segundo Reich procurava estabelecer uma aliança com o México visando a desequilibrar as relações de forças no continente norte americano e, por fim, o torpedeamento do navio americano *Vigilentia*. Todos esses elementos convenceram a opinião pública e o congresso americano de que era chegada hora do envio de suas tropas para o Velho Mundo. Sob o comando do general Pershing, um milhão e meio de americanos atravessariam o Atlântico em direção aos ensanguentados campos franceses (RODRIGUEZ, 1994, p. 63).

Diante de tantos fatores, a Alemanha não deixou alternativa aos Estados Unidos se não declarar guerra, o que contribuiu para o final dessa, apesar do governo estadunidense querer manter-se neutro diante dos conflitos que assolavam os países aliados, ela não mantinha nenhum interesse em fazer parte de tal combate, pois seria mais vantajoso oferecer recursos que viabilizassem o abastecimento de produtos que seriam utilizado durante a guerra, o que de certa forma contribuiu para a ascensão na economia do país, mas apesar de tanta rejeição, o governo americano não conseguiu manter sua neutralidade por muito tempo, em vista que o governo alemã já teria ido longe demais, e que tinha a certeza de que era o momento de contra atacar Alemanha e os países que eram aliados a eles (RODRIGUEZ 1994).

2.1.2 Desfecho: vencedores e vencidos

Em julho de 1918, os alemães são atacados pela força norte-americano, franceses e ingleses, a Alemanha ficou encurralada e não tinha mais as mínimas condições de sustentar os combates, foram obrigadas a recuarem. Após a rendição e saída de outros países, o armistício é assinado pelo Imperador Carlos I da Áustria, e no dia 11 de novembro, o acordo de paz foi então assinado pela Alemanha, o qual

estavam redigidas duras condições, o que deixaria o país muito rebaixado (RODRIGUEZ, 1994).

Com as rendições dos países derrotados foi realizada em Paris, uma conferência cuja presença dos países derrotados estaria fora de cogitação. Essa conferência pode contar com a participação dos países vencedores, na qual cada nação era representada por um líder, as reuniões eram organizadas por três países que seriam a França, Inglaterra e Estados Unidos, a conferência discutida iniciou-se com a elaboração de um tratado na qual foram estabelecidas em documento algumas exigências dos países considerados vencedores. (RODRIGUEZ, 1994). De acordo com o autor:

No final de abril de 1919, os termos do Tratado de Versalhes estavam redigidos e a Alemanha recebeu ordem de enviar seus delegados para ouvi-los[...].No dia 7 de maio, o texto do tratado foi lido para os representantes do governo revolucionário alemão. Prontamente, o conde Von Brockdorff-Rantzau, ministro do Exterior e chefe da delegação da Versalhes, retrucou dizendo que os termos eram demasiadamente duros. Clemente respondeu à observação do nobre germânico informando-lhe que Berlim teria três semanas para resolver se aceitaria ou não as determinações dos aliados. O prazo deve de ser prolongado, pois o governo alemão preferiu demitiu-se a assinar o tratado. Os vencedores fizeram alguns retoques nos termos do documento e notificaram a Berlim, que se o acordo não fosse ratificado pelos alemães até as 7 horas da tarde de 23 de junho, tropas aliadas invadiriam o território germânico (RODRIGUEZ,1994, p.67-68)

O Tratado de Versalhes, sendo assim chamado, foi finalmente terminado em 28 de junho de 1919, em que constavam os termos que eram destinados aos países perdedores e no qual eles seriam incumbidos de cumprirem. A Alemanha não teve outra saída, a não ser assinar. As cláusulas que constava no acordo eram bem rígidas, o que deixou a Alemanha revoltada com as punições imposta (RODRIGUEZ,1994).

Foram impostos ao governo alemão que o mesmo teria de devolver a Alsacia-Lorena para a França, os territórios que existiam os minérios deveriam voltar para o governo francês. Na questão de segurança, o tratado exigia que Alemanha reduzisse seu quadro de militares, seu exército não poderia de forma alguma ultrapassar a quantidade de cem mil, sendo que seu armamento seria de artilharia leve, ficava restringido e que não poderia utilizar-se de aviões e nem fazer o uso dos seus navios, que os mesmos deveriam ser entregues aos países vitoriosos (RODRIGUEZ 1994).

Como se não fosse bastante a humilhação sofrida pela Alemanha no pacto de Versalhes, ainda foi punida financeiramente, deveria assumir sua culpabilidade pelo início da guerra, sendo obrigada a pagar uma indenização bilionária, os governos alegaram que tiveram prejuízos causados pela guerra, alegando que o conflito teve seu início devido ao governo alemão ter despertado seu o começo (RODRIGUEZ, 1994).

2.1.3 As consequências da guerra

Após quatro anos de conflitos e um resultado incalculável de um saldo de pessoas mortas e feridas, a Europa encontrava-se devastada e enfraquecida economicamente, por causa das duras punições impostas pelo Tratado de Versalhes os países vencidos foram os que mais perderam (VIZENTINI, 2002). De acordo com o autor:

As consequências da guerra mundial foram terríveis. Morreram oito milhões de soldados, nove milhões de civis, e posteriormente, mais seis milhões devido a epidemia da gripe espanhola. Vinte milhões de pessoas ficaram inválidas. Assim foi o conflito moderno com mais mortos civis que militares (VIZENTINI, 2002, p. 140).

Devido a esse conflito sangrento, muitos dos sobreviventes da guerra ficaram com sequelas devido às armas tóxicas utilizadas na zona de combate, os soldados que conseguiram sobreviver poderiam voltar para casa, mas muitos não conseguiram levar sua vida como antes, devido ao trauma de participarem da guerra, acabaram desenvolvendo problemas psiquiátricos: pessoas mutiladas, mulheres viúvas, foi o saldo que a 1ª guerra deixou (VIZENTINI, 2002).

No entanto, os que mais tiveram vantagens em cima desses conflitos, foram os Estados Unidos, pois antes de se envolver diretamente na guerra, forneciam materiais bélicos, ou seja, vendiam seus produtos aos países que participavam do combate, o que contribuiu para a sua ascensão econômica, também oferecia empréstimos, diante disso conseguiram a obtenção de lucros enormes, com isso acabou tornando-se uma das maiores potências desenvolvidas do mundo (VIZENTINI, 2002).

A derrota alemã e a humilhação sofrida pelo Tratado de Versalhes acabaram contribuindo para a expansão de um sentimento exacerbado ao nacionalismo, fazendo

assim, com que novas ideologias surgissem, tais sentimento de revolta e vingança dariam a Alemanha o desejo de uma revanche o que levaria a eclosão da Segunda Guerra Mundial (VIZENTINI, 2002).

2.2 ORIGENS DA 2ª GUERRA MUNDIAL

No ano de 1939 a 1945 aconteceu um dos mais sangrentos conflitos da história, a 2º Guerra Mundial, na qual milhares de pessoas morreram entre eles militares e civis. Com o término da Primeira Guerra Mundial no período de 1914 a 1918, foi criado um acordo, em que todos os países que foram vencidos teriam que assinar, sem terem o direito de questionar. O acordo propunha que deveriam pagar altas indenizações aos países vencedores, o que acabou deixando os países perdedores revoltados. (MAGNOLI, 2006).

Com o decorrer do tempo, os países derrotados, após assinarem esse acordo, que para eles foram humilhantes, começaram a cultivar e a fortalecer um sentimento nacionalista, que seriam a vontade de poder vingar-se devido às imposições que o acordo lhes impôs. Os países vencidos principalmente a Alemanha, começara então a despertar um forte desejo de iniciar um novo conflito com o intuito de vingar-se dos países que deixou a nação humilhada (MAGNOLI, 2006).

Segundo Magnoli (2006), o intervalo entre as duas Grandes Guerras Mundiais marcou um período de imensas reviravoltas e crises profundas que assolaram a Alemanha, devastada pela derrota na 1º Guerra Mundial, essa ficou em uma situação comprometedoras diante das imposições feita pelo tratado de Versalhes. Ao término da 1ª Guerra em 1918, o mapa geopolítico mundial foi redefinido, o nacionalismo ficou mais ainda revigorado e foi um dos principais motivos da Primeira Guerra, uma vez que países buscavam expandir seus impérios, o que acabou culminando o despertar da guerra entre as nações.

O grande conflito deixou a Alemanha totalmente arruinada, o Tratado de Versalhes foi de extrema exigência, obrigando o governo alemão a pagar uma alta indenização aos países vencedores, o rearmamento foi proibido, além de que, deveria devolver todos os territórios que teriam conquistado na 1º Guerra. (MAGNOLI, 2006). De acordo com o autor:

O mapa da Europa havia mudado. Pelos acordos firmados em 1919, surgiram novos países: Polônia, Tchecoslováquia, Áustria, Hungria, países bálticos. Mas o centro determinante da política europeia era realmente a Alemanha. Com a criação da Tchecoslováquia, por exemplo, a Alemanha perdeu parte de seu território e mais de 3 milhões de habitantes. O mesmo se deu com a Polônia, que se formou dividindo o território alemão pelo famoso “corredor polonês”. Os países vitoriosos encontram-se e firmaram o celebre Tratado de Versalhes, que foi imposto à Alemanha. Pelo tratado, a Alemanha foi considerada a grande responsável pela guerra (MAGNOLI, 2006, p. 385).

Por causa da alta indenização que a Alemanha teve que pagar aos países vitoriosos ela ficou com a economia abalada, momentos de crises, deixando o país instável, as oscilações constantes, devido aos altos e baixos da economia acabaram afetando a política, o que contribuiu para a eclosão de revoltas e despertando a esperança de que surgiriam tempos melhores, e além de tudo, esperavam ansiosamente vingarem-se por causa das humilhações que sofreram por terem saído da Primeira Guerra como perdedores e totalmente destruído financeiramente (MAGNOLI, 2006).

O endividamento da Alemanha, o alto índice de desemprego e o seu orgulho nacional saindo gravemente ferido, acabaram motivando o governo alemão a procurar por soluções que viesse a tirar a Alemanha do caos em quase encontravam, (MAGNOLI, 2006).

Segundo Maioli (2004), Hitler não aceitava as humilhações que seu país sofrera, e as nações após 1918, buscavam por estabelecer a paz entre os países, porém Hitler com seus ideais não simpatizava com tal ideia, na sua percepção para que a Alemanha pudessem se recuperar, os tratados que poderiam estabelecer tal tranquilidade deveriam ser quebrados, já que para alavancar a economia teria que investir nas produções de materiais bélicos, e isso estava vetado devido uma das cláusulas que estavam vinculadas ao tratado de Versalhes. De acordo com o autor:

O problema relevante, que as nações tiveram que enfrentar depois de 1918, foi o da criação de um mundo pacífico [...]. A estabilidade da paz, somente poderia ser assegurada pela eliminação da violência e a substituição dos métodos legais nas questões internacionais [...] O espírito que Hitler representava recusava-se a admitir que os desejos da Alemanha pudessem ficar comprometidos por concessões feitas a outras nações. Esses desejos tornaram-se "direitos" que não poderiam ser preteridos, que nem mesmo ficariam sujeitos a negociações, mas teriam que ser concedidos à Alemanha - ou a consequência seria a guerra (MAIOLI, 2004, p. 4-5).

A Alemanha perdera milhares de alemães na guerra e a perda de uma grande parte de território privou o governo alemão de poder ter outras fontes de abastecimentos, pois, os recursos que exploravam e que mantinha a economia ativa vinham desses territórios, dificultando assim a chance de se reerguer novamente já que as reparações que o tratado impôs, a mesma precisaria fazer uso desses recursos para executar o acordo que tivera que assinar em ressarcir os países vencedores, pois como ficou claro no tratado, a Alemanha era a única responsável pelo início da guerra e deveria pagar por isso (MAIOLI, 2004).

Como estavam proibidas de organizarem militarmente e seu rearmamento foi indeferido, não podendo arcar com os custos que lhe foi obrigado a pagarem, pois ao perder suas colônias, também perdera as fontes que mais poderia ajudá-la na execução das indenizações, Alemanha viu-se cada vez mais se afundando em uma crise, o que resultou em um sentimento de rancor ao Tratado de Versalhes, o que acabou se tornando um dos motivos mais importantes para o início de um novo conflito ainda mais devastador (MAIOLI, 2004).

2.2.1 Adolfo Hitler e a ideologia nazista

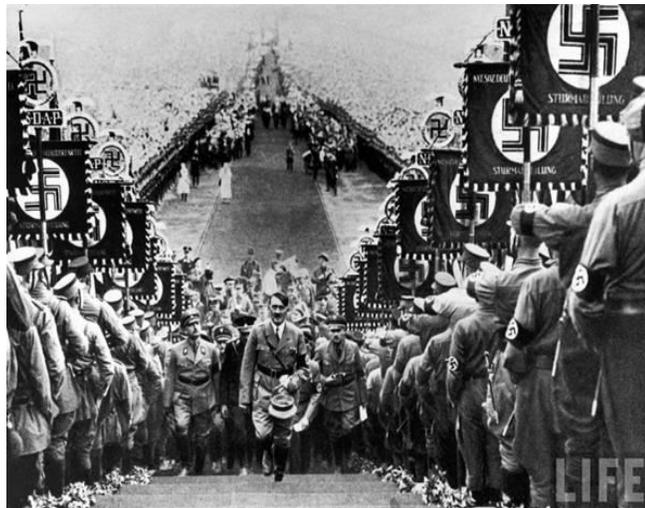


Figura 1 – Hitler em um comício, em 6 de julho de 1939. Fonte: <https://jornalgggn.com.br/noticia/a-vida-de-hitler-em-imagens>.

Adolf Hitler foi o líder da Alemanha Nazista de 1934 a 1945. Hitler deu início a Segunda Guerra Mundial e, devido a suas práticas de políticas fascistas acabou causando a morte de milhares de pessoas (HITLER, 1925).

O ditador Adolf Hitler nasceu na Áustria, em 20 de abril de 1889. Quando tinha três anos de idade, a família se mudou para a Alemanha. Hitler não tinha uma boa relação com seu pai, pois esse não aprovava seu interesse em artes visuais, preferindo que ele seguisse a carreira na área de negócios. Além da arte, o nacionalismo alemão deixou muito interessado, e devido a esse interesse, a autoridade Áustria Hungria terminou sendo rejeitada por ele e foi essa paixão pelo nacionalismo que acabou motivando e transformando a vida do grande ditador. Em seu livro, Hitler comenta:

Nessa cidadezinha do In, imortalizada pelo martírio de grandes alemães, bávara pelo sangue, austríaca quanto ao governo, moravam meus pais no fim do ano 80 do século passado, meu pai como funcionário público, fiel cumpridor dos seus deveres, minha mãe toda absorvida nos fazeres domésticos e, sobretudo, sempre dedicada aos cuidados da família. Na minha memória, pouco ficou desse tempo, pois, dentro de alguns anos, meu pai teve que deixar a querida cidadezinha e ir ocupar novo lugar em Passau, na própria Alemanha (HITLER, 1925, p.07).

Após a morte de seu pai, abandonou a escola mudando-se para Viena, na qual começou a trabalhar para poder se sustentar, como pintor, ao tentar entrar para academia de artes visuais, pois tinha convicção de que seria aceito, porém acabou sendo rejeitado pela instituição. O jovem austríaco não reagiu bem ao ser negada a sua entrada para a universidade, pediu que o diretor da escola que explicasse porque ele não teria sido admitido, os seus desenhos mostraram que não tinha nenhuma habilidade com a arte.

No entanto, e que visivelmente se via era sua vocação para arquitetura, abatido pela negação, e com o sonho frustrado de ser pintor, após algum tempo resolveu que iria ser arquiteto, porém, seria uma tarefa difícil já que se negou em aprender na escola profissional, e que, de certa forma, iria dificultar sua inserção na Escola de arquitetura. Com a falta desse quesito, Hitler não teve outra alternativa a não ser desistir da carreira de ser um grande profissional da pintura (HITLER, 1925).

A vida de Hitler em Viena não foi fácil, passou por muitas dificuldades, pois perdera os recursos financeiros deixados pelo pai, conheceu a miséria, o contato com pessoas miseráveis não deixou Hitler entusiasmado, devido sua situação financeira, precisou fazer moradia em albergues e, mesmo dividindo o teto com pessoas totalmente diferentes dele, nunca deixou de expor suas opiniões e não ocultou sua

frieza contra tudo e contra todos que tivesse uma visão contrária a ele. De acordo como autor:

Hitler exercitou esporadicamente os traços de reserva, de frieza e camaradagem apenas temporária que tanto o caracterizavam; defendendo suas opiniões de maneira intransigente, apaixonado por suas próprias ideias, fazendo julgamentos severos de tudo aquilo que o desagradava, ele aspirava por feitos heroicos desde o quarto miserável onde vivia ,falando sobre os deuses e os heróis de Richard Wargner com entusiasmo de uma adolescente, e elaborando planos grandiosos de arquitetura (OLIVEIRA, 2015, p 31).

Apesar de ser austríaco, Hitler entrou para o exército alemão e acabou lutando na Primeira Guerra Mundial na qual foi ferido em campo, Fe condecorado com bravura. No entanto, a derrota da Alemanha o deixou muito amargurado, pois não aceitava que seu país tinha saído aniquilado da guerra (HITLER, 1925).

Com a punição imposta à Alemanha pelo tratado, Hitler ficou profundamente abalado, e com tal situação acabou cultivando um sentimento de vingança, pois não aceitara a derrota da Alemanha (HILTER, 1925).

Conforme o episódio da Alemanha, ao sair derrotada do conflito contribuiu, para reforçar o seu patriotismo, Hitler tinha o mesmo pensamento da maioria dos nacionalistas, tinha a convicção de que os líderes civis e marxistas tinham traído o exército alemão, achava inaceitável a cláusula do Tratado de Versalhes, que afirmava que o início da guerra era de inteira responsabilidade da Alemanha.

Hitler ficou indignado, e tal indignação fez com que o mesmo despertasse o desejo e vontade de fazer com que Alemanha voltasse a usufruir o prestígio que tinha antes de perder a guerra, o que contribuiu para concretizar seus ideais, em que sua ideologia nazista acabou se desenvolvendo e sendo uma das coisas mais importante para Hitler, e que seria seu ponto principal para finalmente chegar ao poder (HITLER, 1925).

Com sua estadia em Viena, Hitler começou a perceber que a propaganda seria uma arma eficaz para divulgar projetos políticos, e que, usando-a de maneira correta, poderia atingir as massas e que estas poderiam ser favoráveis aos seus planos políticos (OLIVEIRA, 2015). Segundo o autor:

Ao que tudo indica, foram anos de miséria em Viena, as disputas mesquinhas o dia a dia, a ingrata luta pela sobrevivência, a existência insípida no albergue, a escola onde Hitler desenvolveu até um grau patológico sua ausência de compaixão, a ideia do mais brutal combate essa verdadeira escola de baixezinha moldou, portanto, aquele jovem; o qual era destituído de talentos especiais, descontente consigo mesmo e com o mundo inteiro, e devorado pela ambição (OLIVEIRA, 2015, p. 35).

Para Oliveira (2015), Hitler era um jovem de temperamento forte, na qual sempre preferiu manter-se distante dos colegas em que dividia o mesmo quarto, sonhava tornar-se uma pessoa com uma posição importante, e que muitas vezes achava que seria uma tarefa difícil. No entanto, seu sonho estava prestes a ser realizado, aos poucos pode finalmente ter a esperança que seus dias estavam perto de mudar. Ao frequentar uma cervejaria em Munique seu caminho cruzou com um homem que, de certa forma, mudaria o rumo de sua vida, conheceu e se relacionou com Anton Drexler, que lhe ofereceu um programa partidário. Ora, sem dúvida, nem um desses convites seria a chance de Hitler começar a pôr em prática seus planos políticos e firmar sua ideologia. Segundo o autor:

Drexler é o fundador do partido nacional-socialista, a ele soube descobrir “a fórmula mágica” de galvinizar as massas operárias mediante o apelo às ideias socialistas, tão sedutoras, porém, revestidas de nacionalismo, através dessa fórmula o partido conseguiu agregar à sua volta muitos descontentes, que se julgavam vítimas da política econômica e social nascida do Tratado de Versalhes; pouco importava que a cartilha nacional-socialista fosse semelhante à pregada por outros partidos; de qualquer modo o partido passou a existir como um campo de ação aberto para Hitler. O que distinguia este último dos numerosos outros oradores que Munique conheceu nessa época era a persistência com que apresentava suas ideias; mas essa persistência, na verdade, refletia o único desejo de alcançar o poder; para Hitler jamais importou “a verdade de uma ideia-se conteúdo ideológico; essa ideia deveria apenas, servi aos interesses dele próprio (OLIVEIRA, 2015, p.39).

Depois de tudo que passara em Viena, as humilhações e dificuldades, finalmente pôde dar início aos seus discursos ideológicos, em que tinha a chance de modificar os pensamentos da população, fazendo com que a mesma, que ansiava por uma solução plausível pra acabar com os males que Alemanha estava passando, viesse a apoiá-lo, pois seria com o apoio das massas que poderia chegar a ocupar uma posição importante na área política, pois seria somente chegando ao poder que teria como pôr em execução todos os seus planos para fazer com que Alemanha recuperasse o prejuízo causado pelo Tratado de Versalhes (OLIVEIRA, 2015).

Ao assumir o partido, Hitler eufórico com a oportunidade, pode então demonstrar sua capacidade e eloquência de atrair as massas populares com seus discursos motivadores, chamando à atenção da população que ansiava com alguém que pudesse com suas ideias, levar a Alemanha novamente a um país sem problemas financeiros e sociais (OLIVEIRA, 2015). Conforme o autor:

Adolfo Hitler vinha de uma cidade à beira da Áustria, onde seu pai era um oficial secundário da alfândega. Um suposto artista, ele assimilou parte do anti-semitismo de Viena e parte do patriotismo que borbulhava em Munique quando a deflagração da primeira guerra Mundial. Alistando-se no exército alemão, ganhou a Cruz de Ferro por sua coragem na frente ocidental. Tendo sido um entre os soldados alemães que, em 1918, ficaram atordoados com a perda moral em casa, quando a moral ainda estava sólida em muitas partes do exército sob forte pressão, Hitler deu vazão a seu senso de traição no regresso à vida civil, infiltrando-se nas margens da política. Em 1919, com 30 anos de idade, ele se tornou chefe de um pequeno partido político da Baviera, o Partido Nacional-Socialista Alemão do Trabalho. Seu partido desenvolveu um exército particular, que se sobressaia em lutas de rua contra os marxistas e outros partidos de esquerda (BLAINEY, 2011, p. 169).

Hitler contava com um dom que poucos teriam, tinha uma habilidade para oratória, no momento em que ele falava as pessoas que os escutavam ficavam perplexas diante dele. Os alemães diante do sentimento de revolta pelo fato da nação querida ter saído devastada por causa da guerra, sentiam-se confiante diante de seu discurso, ele falava exatamente o que a plateia gostaria de ouvir, nas reuniões em que se encontrava se sobressaia, pois com o amor que dedicara à Alemanha, e sua indignação de vê-la totalmente prejudicada, após o término da guerra, ao falar contava com uma forte energia e força era em suas palavras que os alemães encontravam a esperança de que seu país poderia dar a volta por cima (BLAINEY, 2011).

Hitler percebeu que era o momento de tirar vantagens em benefício próprio, devido ao caos que o governo alemão estava vivendo, ele soube aproveitar bem esse momento de medo e angústia. Iniciou então um discurso na qual defendia que a nação teria sido a mais prejudicada, soube despertar o orgulho alemão e alimentar um sentimento de revolta e indignação, pois, enfatizava que a derrota da Alemanha teria sido injusta (OLIVEIRA, 2015).

O povo alemão, buscando por soluções que viessem a dar um fim no período de crise e estagnação que a Alemanha estaria passando, começou a ver em Hitler a solução para esses problemas, então o grande ditador compreendeu que esse seria o

grande momento para alavancar sua carreira na política e alcançar seus objetivos traçados. O perfil de Hitler era de liderança, o que o levou rapidamente à liderança do partido, o que deu-lhe a chance de colocar seu plano em prática (OLIVEIRA, 2015).

Segundo o autor:

Ao dispor do partido, isto é, ao ter à sua disposição pela primeira vez, uma máquina partidária, com seu programa-o que menos lhe importava, aliás, seus afiliados, correspondentes, caixa e panfletos, Hitler colocou em prática seu talento simplificador, isto é, sua capacidade inegável, que atrai tantos os historiadores, de apresentar de maneira cabal tudo aquilo que as massas sentem, mas não conseguem exprimir por si só (OLIVEIRA, 2015, p.40).

Após o término da Primeira Guerra Hitler foi convidado por Drexler para fazer parte de seu partido, na qual as ideais antissemitas e nacionalistas começaram a fazer parte de sua vida, pois fazia parte de um partido pelo qual o presidente mantinha certa paixão por tais sentimentos. O símbolo do partido fora desenhado por Hitler, e seu dom oratório foi sendo notado e admirado, pois seus discursos eram extremamente aceitos pelas massas que o ouviam. Hitler foi conquistando seu espaço e não demorou muito para substituir Anto Drexler como presidente do partido (OLIVEIRA, 2015).

Os expectadores que frequentavam regularmente as reuniões organizadas por Hitler, foram se enfeitando por seus discursos, um encontro foi realizado em uma cervejaria de Munique, na qual Hitler afirmou que uma revolução havia iniciado e que um novo governo teria sido formado (OLIVEIRA, 2015).

Depois do golpe declarado por Hitler, houve uma longa batalha que acarretou em algumas mortes, porém o golpe não teve êxito acabou, sendo reprimida, a tentativa de golpe liderada por Adolf Hitler ficou conhecida como Putsch da Cervejaria. Segundo o autor:

Em meio a outras tentativas de golpe de Estado, sem muito alcance, aliás, no contexto político da época, Hitler também veio arquitetar a sua; era preciso agir: essa é a origem do famoso "Putsch", o gole fracassado de Munique, em 1923. Não dispondo ainda de todo o apoio necessário, não sendo ainda suficientemente conhecido e dotado de prestígio fanáticos, é verdade, mas ainda pouco preparados para o embate político, Hitler não apenas perdeu vários companheiros na repressão que se seguiu, mas também foi ele mesmo preso, julgado e condenado à prisão (OLIVEIRA, 2015, p.44-45).

Foi na cadeia que Hitler deu início ao seu livro “Minha Luta”, onde escreveria uma parte de sua história e onde também seu ódio para com os judeus aparece de modo bem claro, após ser preso tornou-se bem conhecido em todo o país, conseguiu conquistar o apoio de muitas pessoas tornando-se seus seguidores, muitos deles iam-lhe visitar na prisão. Seus projetos jamais foram abandonados, ou seja, com seu dom oratório, Hitler conquistou as massas e com isso pode dar início à execução de seus planos políticos e enraizar sua ideologia com o propósito de que a população por fim acreditasse e defendesse a ideia de que somente os alemães poderiam ser considerados puros (HITLER, 1925).

Ao ser liberto, Hitler acabou conquistando seu poder absoluto, tendo a oportunidade de colocar em prática todos os seus planos. Seu objetivo maior era fazer com que a Alemanha voltasse ao topo, e que o país reconquistasse tudo o que perdera devido à derrota da Primeira Guerra Mundial (HITLER, 1925).

Em seu livro “Minha Luta”, escrito no período que estiver preso Hitler deixou claro seu antissemitismo e seu ódio pela raça judia, relata ainda que foi em Viena que começou a se interessar pelo movimento antissemita e percebeu que os judeus estavam em todos os lugares, o que o deixava ainda mais furioso, Hitler comparava a raça judaica como se fosse uma praga que acabaria contaminando o povo alemão, e seu sentimento de raiva e ódio que Hitler despertou pelos judeus, culminou em uma das mais atrocidades cometida contra a humanidade (HITLER, 1925). De acordo com Hitler:

Quem, cautelosamente, abrisse o tumor haveria de encontrar, protegido contra as surpresas da luz, algum judeuzinho. Isso é tão fatal como a existência de vermes nos corpos putrefatos. O judaísmo provocou em mim forte repulsa quando consegui conhecer suas atividades, na imprensa, na arte, na literatura e no teatro. Protesto mole já não podiam ser aplicados. Bastava que examinassem os seus cartazes e se conhecessem os nomes dos responsáveis intelectuais pelas monstruosas invenções no cinema e no drama, nas quais se reconhecia o dedo do judeu, para que se ficassem por muito tempo revoltado. Estava-se em face de uma peste, peste espiritual, pior do que a devastadora epidemia de 1348, conhecida pelo nome de Morte Negra. E essa praga estava sendo inoculada pela nação (HITLER, 1925, p.36).

O livro “Mein Kampf” (Minha Luta) tornou-se um guia ideológico do nazismo, e serviu de base para as pessoas que faziam parte do partido Nazista. Nesse livro, os judeus foram bastante discriminados e foi na qual Hitler pode expressar todo o seu ódio contar os mesmos dando mais convicção a sua ideologia (HITLER, 1925).

Ele acreditava que o povo alemão era superior as demais raças e que para manter a pureza da raça, era necessário que todos lutassem em prol dessa causa. Ele relata ainda que essa pureza devesse estar em risco, pois o país contava com muito judeus e que estes deveriam ser eliminados, pois eram raças inferiores e que se não fosse tirado de circulação acabariam contaminando a raça ariana (HITLER, 1925).

A população ficou atraída com as ideias antissemitas e racialistas de Hitler, com isso, ele conseguiu que o país quase todo o apoiasse. O desejo de toda a população era que a Alemanha se levantasse e saísse da crise em que vivia, e Hitler conseguia se encaixar no perfil de liderança que ela almejava, pois ele seria o homem ideal que poderia conseguir com que Alemanha se reerguesse novamente. Ao sair da prisão conseguiu aderir mais adeptos para o seu partido ganhando força no âmbito político (COGGIOLA, 2015).

No ano de 1929, houve um acontecimento catastrófico, que ficou conhecido como Crack da Bolsa de Nova Iorque, o que fez com que a população alemã ficasse temerosa, pois essa crise de 29 afetaria a economia alemã, e diante tal situação as ideologias nazistas caíram no gosto da população (COGGIOLA, 2015). De acordo com o autor:

A crise de 1929, na Alemanha, agravou os resultados da hiperinflação de 1923, depois de uma “prosperidade” relativamente breve [...]. Os trabalhadores industriais sofriam, com o desemprego de massa, uma miséria densa, na qual a procura de um emprego parecia interminável. A juventude carecia de qualquer perspectiva de trabalho, ou de vida “normal”: milhões de jovens viraram “nômades”, muitos enchiam os “campos de trabalho”. [...] O desespero e a cólera se voltavam contra o governo, frequentemente ocupado pelos socialistas (SPD). Toda esperança, todo “bode expiatório”, eram aceitos: o nazismo, em escala maior que o fascismo italiano, foi capaz de mobilizar a pequena burguesia desesperada [...]. (COGGIOLA, 2015, p.24).

Segundo Coggiola (2015), com o crescimento de sua popularidade, Hitler consegue chegar ao poder em 30 de janeiro de 1933, com um cargo abaixo do presidente do governo alemão, e após alguns anos consegue dar início a ditadura alemã. O programa nazista aos poucos vai sendo colocado em prática. Hitler defendia que todos os povos alemães deveriam ser unidos em um só país, os negros e judeus fossem eliminados, a eliminação de outras etnias também era defendida pelo ditador.

Os comunistas, as testemunhas de Jeová e os homossexuais também não ficaram fora da lista de Hitler.

Quando Hitler foi nomeado a chanceler do Reich, ele pode então dar início a seu método de governo, implantou um regime ditatorial e seus pensamentos nazistas começaram a serem colocados em prática, seu ódio e repulsa aos judeus ficaram cada vez mais visíveis, o que acabou na perseguição de milhares deles (OLIVEIRA, 2015).

Hitler, com o poder nas mãos, começou a executar seus planos, que era o reerguer a nação alemã, e para isso, deveria quebrar o acordo do Tratado de Versalhes, na qual estava enclausurado que o governo alemão não poderia se rearmar, Hitler começou a investir na indústria de materiais bélico, pois seria uma dos fatores que conseguiriam levantar a Alemanha financeiramente, já que a venda dos produtos bélicos seria muito lucrativo e que geraria empregos e renda para a população desempregada e sem perspectiva de vida (OLIVEIRA, 2015). Segundo o autor:

Enquanto, na política exterior, Hitler simulava ser o arauto da paz e compreensão entre os povos, buscando no diálogo e na compreensão mútua a saída para os problemas em crise, derrotado na primeira grande guerra e humilhado pelo Tratado de Versalhes, no plano interno ele deu curso imediato a toda a sua intolerância política e ao seu arraigado antissemitismo; com rapidez inacreditável surgiram os campos de concentração nos quais inimigos e opositores deveriam ser internados para fins de “reeducação” (OLIVEIRA, 2015, p. 36).

Hitler então, começou a dar continuidade aos seus planos monstruosos, os quais teve tempo de organizá-los enquanto esteve preso. Logo em seus discursos, deixava claro que a Alemanha estava infectada de pessoas que ele julgava serem inferiores as suas raças, ou seja, os judeus que se encontravam dispersos pelo continente europeu deveriam ser exterminados. Finalmente, com o poder nas mãos, Adolfo Hitler deu vida aos seus sonhos de conseguir que Alemanha fosse uma nação totalmente pura, e isso só seriam possíveis com a destruição de outras raças consideradas inferiores pelo ditador (OLIVEIRA, 2015).

Em 1935, após Hitler se autoproclamar *Fuhrer*-chanceler (chefe ou guia) o que lhe permite ter todo o poder concentrado sobre si, ele se reúne com seu partido, na cidade de Nuremberg, onde ele propõe a criação de novas leis que viessem proteger o povo alemão da contaminação por povos de outras raças subjogados inferiores. As leis

criadas pelo chanceler eram nocivas demais ao povo judeu, uma vez que tinha como finalidade privar a raça judia de uma vida comum, sendo que até os judeus que haviam se batizado em outra religião também foram incluídas na lei de Nuremberg (OLIVEIRA, 2015).

Segundo essa lei, denominada de Proteção do Sangue Alemão e Cidadania do Reich, acabou dificultando a vida do povo judeu, os quais foram proibidos de se envolver em questões políticas, seus direitos foram violados e de maneira alguma poderiam ter contatos íntimos com uma pessoa considerada alemã (OLIVEIRA, 2015). O autor declara ainda:

Entretanto, as leis de Nuremberg atraem nossa atenção por seus títulos pomposos: a primeira delas “para a proteção do sangue e da honra alemã, proibia rigorosamente o casamento inter-racial, ou seja, a união conjugal entre judeus e alemães, por implicar na contaminação dos arianos por não arianos; ficavam igualmente proibidas as relações sexuais entre as duas “raças” consideradas sob a perspectiva nazista.[..] A segunda lei, a da “Cidadania do Reich” excluía os não arianos do círculo dos cidadãos, expatriando-os, por assim dizer, dentro de seu próprio país; enquanto isso os arianos eram considerados como os únicos cidadãos. Ambas as leis tinham como fim expresso extorquir aos judeus os direitos que lhes tinham sido outorgados pela legislação imperial prussiana concedendo-lhes plena cidadania; o programa político nazista só poderia ser realizado mediante a implantação de tais leis, coerentes com o antissemitismo do partido (OLIVEIRA, 2015, p.39).

Com a lei de Nuremberg ditada começou a perseguição aos judeus, e de acordo com outras leis, não só a raça judia começou a ser perseguida como também outros grupos, que na concepção do Reich eram indignas de viverem sob o mesmo país, dentre eles estavam inseridos os poloneses, homossexuais entre outros. As duras leis que foram criadas por Hitler tiraram os direitos de cidadania desses povos, onde todos eram considerados como uma raça de indivíduos que não poderia, de forma alguma, viver em solo alemão, considerando esses, tomar o poder, tendo em vista de realizar seus planos terríveis, não mediu esforços para que suas leis fossem executadas, alegando que somente os alemães considerados puros poderiam exercer e gozar de plenos direitos de sua cidadania (OLIVEIRA, 2015).

Com a divulgação dessas leis, a população teve a convicção de que as raças inferiores deveriam ser exterminadas da face da terra, favorecendo assim a violência e dando início a um período mais terrível da história. Os alemães iniciaram assim uma perseguição implacável contra os judeus, ciganos, etc. (OLIVEIRA, 2015).

Hitler, em seu discurso, pregava a suposta superioridade alemã em relação a outras raças, um dos episódios mais violentos de seu governo ficou conhecido como a Noite dos Cristais em 1938, por causa de um jovem judeu que teria atacado um diplomata da embaixada alemã, de certa forma, acabou deixando o ditador enfurecido, e acabou dando ordem a um subordinado para incentivar os alemães a criarem uma forma de se vingarem (OLIVEIRA, 2015). De acordo com o autor:

[..] Hitler, furioso, incitou o chefe da propaganda, Goebbels, a fazer um discurso conclamando os alemães a vingança, o inflamado discurso, como era usual da parte de Goebbels, levou às ruas milhares de partidários do nazismo que promoveram um rol de devastações contra propriedades de judeus e contra os próprios judeus, essa foi a “Noite dos Cristais” (OLIVEIRA, 2015, p.41).

Diante desses acontecimentos, deu-se início às mais violentas perseguições aos judeus, muitos tentaram fugir do país, outros pensaram mudar de religião e até abdicar de sua nacionalidade, tudo para poderem sobreviver ao ódio dos alemães e terem suas vidas poupadas, porém com as leis ditadas, ficou impossível de conseguir ficar isentos dessa perseguição, e com as novas leis, mesmo que os judeus se convertesse para outra religião não teriam muita chance, em vista que todos estavam inseridos nos planos de perseguição de Hitler, independentemente de qualquer situação (OLIVEIRA, 2015).

Não foram somente os judeus que fizeram parte do plano de Hitler, em ser eliminadas do solo alemão, ele inseriu também as prostitutas, as pessoas que vagavam sem rumo, os mendigos e até alcoólatras foram inseridos nessas leis abomináveis.

A grande quantidade de pessoas que deveria ser eliminada levou Hitler a pensar e criar uma estratégia para que seu plano de extermínio em massa, fosse concluído eficientemente, o que levou a construção dos campos de concentração e extermínio, tendo em vista que, somente dessa forma, poderia dar início ao plano de higiene racial no que consistia em banir do país, todos que não teriam o sangue alemão nas veias e que não seriam considerados totalmente arianos “puros”.

Foi nos campos de concentração que o povo judeu e outras raças tiveram a certeza que viveriam os mais terríveis dos tormentos de suas vidas, sem perspectiva de vida, e que estariam sujeitos as mais horríveis humilhações antes de serem assassinados (OLIVEIRA 2015).

2.2.2 Hitler e os campos de concentração



Figura 2 – Entrada do campo principal de Auschwitz, com uma tabuleta sobre o portão que dizia: O TRABALHO LIBERTA. Fonte: <https://www.tudosobreacracia.com/campo-concentracao-auschwitz>

Após Hitler chegar ao poder, ele iniciou uma terrível perseguição ao povo de raça judia, pôs em prática a limpeza racial, que seria o extermínio de raças inferiores à raça alemã. Milhares de pessoas foram mortas para satisfazer os desejos do ditador e para dar continuidade ao seu plano de eliminar todo ser que ele considerasse inferior a raça ariana (OLIVEIRA, 2015).

Milhares de mortes aconteceram, e o povo judeu era quem ficava no topo, com número 1º da lista de Hitler, mas cidades foram dizimadas devido à mortandade acometida pelas tropas nazistas (OLIVEIRA, 2015). De acordo com o autor:

Para os esquadrões SS e os milicianos o método de extermínio era o seguinte: de um modo geral os judeus eram reunidos na praça principal; quem se escondia era imediatamente fuzilado após denúncia feita, muitas vezes, até por crianças não judias; depois, escoltados por soldados SS ou miliciados, os judeus eram conduzidos aos bosques mais próximos ou áreas pantanosas, e lá metralhados à beira de valas escavadas pelos homens mais fortes dentre eles (OLIVEIRA, 2015. p.71).

Hitler percebeu que, devido à quantidade de prisioneiros capturados, necessitava de uma medida mais extrema e viável que viesse facilitar o extermínio em massa e que

não dificultasse o trabalho de seus soldados, criou os campos de concentração. O lugar seria ideal para enviarem os judeus e outros povos considerados impuros por Hitler. Os judeus aprisionados eram levados para os campos, onde seriam expostos a mais terrível tortura e humilhações, homens, mulheres e crianças estavam destinados ódio de Hitler (OLIVEIRA, 2015).

Os nazistas que faziam parte do esquadrão SS aumentaram o ritmo de mortes dos poloneses e judeus, quando estes não eram fuzilados, morriam de fome ou doenças, devido às condições de moradia que lhe eram impostas. Os prisioneiros que eram enviados aos campos de concentração eram obrigados a trabalharem em regime forçado, e muitos deles morriam devido às condições a que eram submetidos a viver (OLIVEIRA, 2015).

Com os campos de concentração criados, as mortalidades em massa ficaram mais fáceis de acontecer, os prisioneiros não eram mais somente judeus, mas sim prisioneiros de guerra, os homossexuais, os ciganos, os deficientes físicos. Muitos não tinham ideias do que os aguardavam a serem presos e mandados para os campos. Segundo o autor:

As futuras vítimas eram bem recebidas por um gentil oficial das SS que lhes dava a seguinte explicação: estavam sendo enviadas para campos de trabalho na Alemanha; para viagem, entretanto, necessitavam com urgência de um banho de desinfecção e higiene. Depois de deixar seus pertences depositados em cestas identificadas, os prisioneiros eram introduzidos em furgões adaptados como uma espécie de ambulância, um ambiente hermeticamente fechado, no interior do qual desembocava um cano de escapamento, diretamente ligado ao motor a fim de eliminar o monóxido de carbono; durante a operação, que durava de vinte a trinta minutos com a morte de todos os ocupantes da cabina (OLIVEIRA, 2015, p.79).

Com o mito da superioridade alemã, Hitler como solução final em que o extermínio das raças inferiores deveria ser executado com total sucesso, pois a raça ariana deveria ficar livre de qualquer tipo de ameaça que viesse a prejudicar a pureza do sangue alemão. Foram criados mais campos de extermínios, onde todos os povos que não fossem puros deveriam serem eliminados da face da terra.

Os judeus aprisionados eram submetidos a terríveis experimentos médicos, a mortalidade não se deu somente com os assassinatos, mas também devido aos maus tratos, o cansaço devido o trabalho pesado e duras condições de higiene, a fome e

vulnerabilidade a doenças, também contribuíram para a mortalidade em peso nos campos de concentração (OLIVEIRA, 2015).

Dos campos de concentração existentes sob o comando do nazismo, o maior deles foi Auschwitz-Birkenau, que tinha a capacidade de aprisionar muitos prisioneiros, Birkenau era um campo que foi construído e anexado a Auschwitz. O campo foi criado a partir de 1940, e logo ficou conhecida devido às atrocidades que eram cometidas dentro do mesmo, apesar e atender uma grande demanda de pessoas condenadas por Hitler, foram criados ainda 40 campos menores, que tinha como objetivo, as concentrações de pessoas forçadas ao trabalho escravo que seriam para a fabricação de armamentos para fomentar as necessidades da guerra (OLIVEIRA, 2015).

O campo Auschwitz era vigiado diariamente, eram cercadas por arames farpados e constantemente as patrulhas faziam as rondas rotineiras para evitar que os prisioneiros tentassem qualquer tipo de fuga (OLIVEIRA, 2015).

Foram nesses campos que os crimes aconteceram, e que serviu muito bem para os propósitos de Hitler, que almejava por uma Alemanha pura e uma raça superior às demais e, diante disso, para tal desejo ser realizado todas as raças inferiores, principalmente os judeus, deveriam ser exterminadas da face da terra. De acordo com a fala do autor:

[...] As barreiras de arame farpado também isolavam os campos menores uns dos outros e o complexo de Auschwitz-Birkenau de todos eles; havia ainda algumas áreas especiais como a “a área dos ciganos” e a área dos judeus tchecos”; toda essa organização, naturalmente, visava à “solução final”, extensiva a outros grupos considerados como inferiores pelos nazistas (OLIVEIRA, 2015, p.93).

Milhares de pessoas foram enviadas aos campos de concentração, ao chegar nesses campos era feita uma seleção que separaria as que estavam aptos para o trabalho dos que eram considerados incapazes para o serviço, aqueles que não tivessem nenhuma utilidade eram imediatamente enviados para as câmaras de gás. Para os nazistas, não importava a origem e nacionalidade dessas pessoas, o que importava era o critério de avaliação que eles seguiam e que de certa forma adiava a morte de alguns, era apenas a aptidão física. Os que eram selecionados capazes para o trabalho eram se tornavam escravos e eram obrigados a se submeterem a tatuagens na qual era sua identificação (OLIVEIRA, 2015).

As vítimas que eram consideradas inaptas para o trabalho escravo eram enviadas para as câmaras de gás, elas não suspeitavam que estivessem caminhando rumo à morte, pois achavam que estaria indo tomar banho para a desinfecção. Eram levadas para um lugar mais próximo, caso as câmaras de gás estivessem lotadas, aguardando a sua vez (OLIVEIRA, 2015).

Conforme Miklos (1974), um médico que sobreviveu aos campos de extermínio relata as atrocidades que tivera que ver nos campos de concentração, pois era um prisioneiro, porém devido a sua profissão foi isento de ser enviado para a morte, pois suas habilidades serviriam para ajudar os outros médicos a realizar as atividades dentro dos campos. Porém, foi submetido a presenciar episódios lamentáveis, experiências médicas, e a ver milhares de pessoas morrerem sem nenhuma chance de salvação. De acordo com o autor:

Havia 3.000 pessoas na sala, homens, mulheres e crianças. Alguns soldados chegaram e anunciaram que todos deveriam ficar completamente despidos em 10 minutos. Os velhos, avós e avôs; as crianças; esposas e maridos; todos ficaram surpreendidos e chocados por essa ordem. Os velhos, os paráliticos e os loucos foram ajudados pelos homens do Sonderkommando, que vieram especialmente para isso. Em dez minutos todos estavam completamente nus, [...] abrindo caminho entre a multidão, um SS escancarou as portas de um largo portão no fundo da sala. Meus compatriotas passaram imediatamente desta sala para a outra igualmente bem iluminada elas. Todos haviam entrado. Uma voz metálica gritou: — SS e Sonderkommando deixem a sala. Eles obedeceram e saíram. As portas se fecharam e as luzes se apagaram. Em cinco minutos todos estavam mortos. Eles tinham acabado de matar três mil inocentes. Senti que era meu dever para com meu povo e para com o mundo ser capaz de fazer um relato pormenorizado do que tinha visto caso, graças a alguma circunstância miraculosa, eu viesse a sair vivo dali (MIKLOS, 1974, p.63 - 64).

Os campos de concentração foram designados para atender uma grande quantidade de pessoas que, para a concepção de Hitler, não deveriam viver, o extermínio em massa foi à saída que o ditador encontrou para eliminar facilmente as raças que eram consideradas inferiores a raça ariana. Dentro desses campos aconteceram os mais terríveis crimes que alguém poderia cometer contra a humanidade. Para Hitler não importava como essas pessoas iriam serem tiradas de circulação, mas somente de como sua ideia de raça puramente ariana seria executada e concluída com êxito (MIKLOS, 1974).

2.3 AS MULHERES E SUAS HABILIDADES PARA MATAR



Figura 3 – Imagens das esposas dos oficiais Erna Petri (esquerda), Liesel Wilhaus (centro) e Vera Wohloauf (direita). Fonte: Mulheres do Nazismo.

Quando Hitler assumiu o poder ele sabia exatamente o que iria fazer para conseguir realizar seu plano mirabolante de recriar uma Alemanha sem contaminação, nesse contexto ela buscava exterminar todos os que não estavam em sua concepção, aptos para fazerem parte de um país superior aos demais. Deu-se início a uma política de extermínio, com a finalidade de fazer com que todos que fossem contrários ao projeto de Hitler para constituir uma nação pura, fossem eliminados (LOWER, 2014).

Cabe destacar que as mulheres que tiveram muita importância dentro do regime nazista foram às mulheres que casaram com os oficiais que faziam parte das SS ou da polícia que servia a Hitler, ou seja, as esposas. Algumas que começaram como secretárias acabavam se tornando companheira legítima dos que estavam na frente dos comandos de assassinatos nem todas exerciam tal função dentro do escritório, na qual eram organizadas as listas das pessoas que iriam morrer.

No entanto, se envolveram diretamente nos crimes, foram nesse momento que deixaram claro que concordavam com o nazismo e com tudo que estava acontecendo. Ao conseguir o matrimônio, e com a guerra em andamento e a política de limpeza racial que Hitler implantou durante seu governo, seus maridos necessitavam se ausentar para executarem as ordens do Reich (LOWER, 2014).

Algumas preferiam acompanhar seus maridos nas viagens, e de certa forma acabaram despertando em si o desejo de terem um papel ativo nas mortes de pessoas

judias. Apesar do período em que estavam vivendo houvesse aceitação das mulheres exercendo alguma atividade que para os homens era função do sexo masculino, muitas ainda mantinham viva a ideologia em relação ao casamento, que o papel da mulher enquanto esposa era servir o marido, sendo uma boa mãe e cuidadosa do ambiente familiar. Mas não se resumia somente a isso, deveriam ser parceiras de seus companheiros em qualquer ocasião ou atividade ilegais, mesmo que para isso tivessem que compactuar com atrocidades cometidas pelos seus esposos, e que tal apoio dado aos maridos acarretasse nas mortes de milhares de pessoas inocentes (LOWER, 2014). De acordo com a autora:

Na hierarquia do poder nazista, a raça compartilhada por marido e mulheres podia suplantar a desigualdade de gênero. As mulheres imitavam os homens no trabalho sujo do regime, o trabalho necessário à futura existência do Reich, porque eram racialmente iguais (LOWER, 2014, p.54).

Ao casar-se com os oficiais de Hitler, viram a chance de usufruírem de tal ascensão para saciar os desejos mais obscuros que teriam alimentado com a ideia da ditadura nazista, seu antissemitismo foi aflorado, se beneficiando dos status de esposa que havia conquistado puderam participar mais ativamente nas mortes e práticas de torturas contra o povo judeu (LOWER, 2014).

Cada uma a sua maneira praticava assassinato sem o menor pudor se prevalecendo da autoridade de seus maridos dentro dos campos e dos guetos. Muitas foram acusadas de assassinatos em massa, mas não obtiveram provas suficientes para condená-las (LOWER, 2014).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Para executar o presente trabalho a metodologia usada foi a modalidade da pesquisa qualitativa, na qual foram embasados os argumentos presentes, buscando entender e compreender as origens e a evolução de um grupo, investigando e analisando todas as formas de acontecimentos, dando a importância necessária para que nada passe despercebido. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 269):

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece a análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitude, tendências de comportamento, etc.

A pesquisa embasada na modalidade qualitativa, não se preocupa com dados numéricos, mas no aprofundamento das análises de todo um contexto histórico, levando em consideração, um envolvimento direto com o que está sendo estudado.

Para Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é utilizada como suporte para a construção da monografia, o pesquisador utilizou-se de vários livros como referências para poder desenvolver o tema escolhido, foram analisadas diversas obras de autores renomados, dos quais pode-se extrair as informações necessárias para embasar a pesquisa. Conforme a fala do autor:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Partes dos estudos exploratórios podem ser definidas como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir de técnica de análise de conteúdo (GIL, 2008, p. 50).

A pesquisa bibliográfica é imprescindível para a elaboração de qualquer trabalho de caráter científico, cabe ao pesquisador fazer uma seleção minuciosa das referências que serão utilizadas na realização de sua pesquisa, com o intuito de reforçar seus argumentos que serão baseados, em obras publicadas.

Para Burke (1992), com as novas mudanças feitas pelos novos historiadores que surgiram na terceira geração, a historiografia passa a ser vista de uma forma diferente em relação a história tradicional, onde apenas era embasada na visão positivista onde apenas se importavam com o feito do sujeito considerado importantes.

Com a história tradicional, os historiadores não encaravam o papel da mulher com um fator importante dentro da história. Os que seguiam a linha positivista se preocupavam-se apenas em estudar e inserir questões que tivesse envolvimento político e militar, na qual o homem era o único sujeito a ser considerado importante dentro da história, e devido a esse fator, a mulheres não poderia fazer parte desse mundo, ficando assim esquecida, o que foi conveniente para que não as inserisse e nem fosse consideradas a hipótese de ser um elemento que deveria ser estudado e incluído dentro dos acontecimentos históricos, essa visão positivista em que as mulheres eram excluídas e discriminadas (BURKE, 1992).

É contra essa visão de que a história não deve ser constituída somente de pessoas que fazem parte de um status elevado, que surge uma nova história. Ela começa a ser vista por um ângulo diferente, percebendo que os fatos históricos não se restringiram apenas nas pessoas que fazem parte da elite, mas toda os que constituem a sociedade, a história nova faz assim uma definição mais detalhada e abrangente do acontecimento. Ela começa a dar a importância nos elementos da sociedade como um todo.

Segundo o autor: “Os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas” (BURKE, 1992, p.12).

A história nova surge para quebrar os conceitos que a história tradicional defendia, de acordo com a nova visão de estudar detalhadamente os fatos históricos, dava-se a oportunidade de novas histórias serem incluídas dentro desse contexto.

A história das mulheres era deixada de lado pelos historiadores tradicionalistas, a história dos homens era a única a ser estudada, a mulher como sujeitos históricos eram subordinados aos demais. De acordo com Burke:

A maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeitos da história. Tem tomado como axiomática ideia de que o ser humano universal poderia incluir as mulheres e proporcionar evidência e interpretações sobre as várias ações e experiências das mulheres do passado (BURKE, 1992, p. 77).

Foi com o surgimento da nova história, com novos historiadores puderam criar uma forma diferenciada de ver e de mostrar como a história deveria ser feita através dessa nova maneira de pensar que permitiu e abriu as portas para que a mulheres também fizessem parte e pudesse ter participação ativa dentro da historiografia, pois na história tradicional ela não era considerada importante tornando se um objeto secundário dentro da sociedade, onde prevalecia a ideia e era executada de que somente os homens poderiam fazer parte dos estudos e que o papel de historiador caberia exclusivamente a eles (BURKE, 1992).

Ao ser explorado e possibilitar a inserção da história da mulher como elemento importante a ser estudada, a historiografia adquire novos elementos para desenvolver os estudos aprimorados sobre os acontecimentos históricos permitindo que a classe feminina desempenhe o papel ativo ao se tornar sujeito da história.

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA



Figura 4 – Mapa da Alemanha oriental e ocidental. Fonte: <https://www.todamateria.com.br>.

O presente trabalho foi desenvolvido através de Pesquisas Bibliográficas cujo tema, foi a principal atuação das mulheres na Alemanha durante a 2ª Guerra Mundial pois ela seria o palco dos acontecimentos que serviram de base para o levantamento dos dados para dar suporte ao tipo de pesquisa escolhido. Alemanha foi um palco de muitas guerras, sendo duas mais devastadoras, deu origem a um período sombrio que assolou o país.

Conforme Fulbrook (2016), por volta de 800 anos a.C, deu-se o processo de ocupação da Alemanha, os primeiros habitantes foram os fineses e depois de algum tempo, os celtas, porém estes acabaram abandonando o território, devido às tribos germânicas. A Alemanha, no período medieval, tornou-se um estado poderoso. Mas fora nos anos 845 que o país se tornou independente, e em 936 começou a ser chamado de Sacro Império Romano Germânico.

A Alemanha no século XVI passou por algumas transformações no âmbito religioso, no período da reforma protestante acabou sendo dividida, pois as lutas religiosas fizeram com que a população alemã se dividisse em católico e protestante, sendo assim a Alemanha se dividiu em Alemanha do Norte que seria os que aderiram ao protestantismo e Alemanha do Sul, que faziam parte do catolicismo.

A unificação da Alemanha se deu por volta do século XIX, no ano de 1914 e 1818 a Alemanha passou por um dos períodos, mas negro da história, se envolveu em um dos maiores conflitos mundiais, acabou se aliando com alguns países formando assim a tríplice aliança. Porém, a mesma saiu devastada da guerra, após o tratado de Versalhes, foi culpada pelo início da guerra, na qual foi obrigada a pagar uma alta taxa de indenização, seu exército foi reduzido. Conforme cita Fulbrook (2016, p.157), o tratado de Versalhes de 1919 responsabilizou principalmente a Alemanha com a infame cláusula de “culpa da guerra”.

O país passava por crise econômica devido as duras penalidades do tratado de Versalhes, a população almejava por uma mudança, foi no ano de 1930, Hitler conseguiu um cargo alto dentro do governo alemão, e com isso pode então assumir o controle do país, com suas ideologias e sentindo-se injustiçado com a derrota do seu país, implantou o regime nazista, com suas propostas de levar a Alemanha a um patamar melhor, acabou iniciando um novo conflito, no qual ficou conhecida como Segunda Guerra Mundial, diferente da 1ª guerra, Hitler começou uma perseguição

implacável contra os judeus. Porém, a Alemanha mais uma vez saiu da guerra como um a perdedora.

Ao termino da segunda guerra o país alemão foi dividido em Alemanha oriental e ocidental, um país em dois, os capitalistas e os socialistas. De acordo com a autora:

A diferença mais óbvia entre as duas Alemanha evidente a qualquer observador casual nos anos 1980 era entre os padrões de vida. A Alemanha Ocidental era obviamente uma sociedade ocidentalizada, próspera e consumista, no qual carros novinhos corriam em alta velocidade por autoestradas bem preservadas-superlotadas-e onde, apesar dos lamentos cada vez maiores sobre “morte das florestas”, a atmosfera geral era de um ambiente limpo, bem mantido e de riqueza material. A Alemanha Oriental, em contraposição, passava para os visitantes a impressão de insípida, entediante e poluída pela fumaça negra produzida pelo linhito, com carros menores e inferiores sacolejando em estrada de pedra esburacadas (com exceção das autoestradas com boa manutenção, que iam da Alemanha Ocidental para Berlim Ocidental), com residências em mau estado e lojas restritas com produtos limitados e de baixa qualidade (FULBROOK, 2016, p. 234).

O muro de Berlim dividia as duas Alemanha e foi derrubado em 1990, ocorrendo assim à reunificação. Apesar de o país ter passado por duas guerras mundiais e sai assolada, acabou se reestruturando e se tornando um dos países mais desenvolvidos.

3.3 DESCRIÇÃO DA PESQUISA

A referida pesquisa foi embasada através de leituras de autores renomados como Ivo Maioli (2004), em que aborda as etapas da Segunda Guerra Mundial como se deu todo o processo de invasão aos outros países que foram atacados pelo ditador nazista Adolfo Hitler.

Para dar suporte a questão das mulheres que serviram ao movimento nazista, foi utilizada como referência a obra da autora americana Wendy Lower (2014), uma pesquisadora que procurar reunir dados comprovadores que não foram somente os homens que se tornaram assassinos e compactuaram com as atrocidades cometidas pelo nazismo, e que as mulheres alemãs tiveram uma participação ativa em relação aos assassinatos em massa.

Outro livro utilizado para embasar meu trabalho foi da autora Saidel (2009), onde a mesma procurou se aprofundar sobre os acontecimentos dentro do campo Ravensbruck, onde a mesma deixa clara e sem dúvida que houve mesmo esse campo

construído exclusivamente para receber as pessoas somente do sexo feminino, a autora faz uma abordagem detalhada da vida dessas mulheres judias dentro do mesmo, apesar do livro ter como tema as mulheres judias, ela não só relata sobre a vida dessas mulheres, mas como também permiti saber com eram tratadas as outras mulheres que não judaica, mas que eram de outra classes, os castigos e as torturas constantes e experiências que elas sofriam dentro do campo de extermínio, como eram classificadas para poder distinguir uma classe da outra, fazem parte dessa obra que foi de fundamental importância para dar suporte a esse projeto.

Para dar prosseguimento ao trabalho, fez-se uso do livro de Peter Burke, no qual ele tenta em sua publicação demonstrar as diferenças entre a história nova e tradicional, foi através de sua obra que ele deixou claro que a história não se resumia apenas aos feitos dos grandes acontecimentos voltados apenas para os homens que fariam parte de uma elite, mas que todas as pessoas independentemente de sua classe social deveriam ter importância dentro dos estudos históricos,

No qual argumenta que a história da mulher era deixada de lado, que mesma não teriam tanta importância para uma sociedade onde prevalecia os ideais masculinos, e que foi devido à quebra de tais conceitos, que começaram a ver a história diferente dos demais historiadores e que a nova visão pode dar oportunidade de fazer com que a mulher tivesse a chance de exercer o seu papel com sujeito a ser estudado dentro de uma sociedade totalmente machista.

4 RESULTADO DA PESQUISA

4.1 A HISTÓRIA INICIAL DO CAMPO RAVESNBRUK

4.1.1 A estrutura do campo

O campo de concentração nazista Ravensbruck foi construído com a finalidade de receber as mulheres prisioneiras durante o regime, foi um lugar onde aconteceram terríveis tortura e assassinatos em massa de pessoas do sexo feminino Ravensbruck está localizando a 90 km de Berlim, no ano de 1939 a 1945 foi aprisionada em torno de 132 mil mulheres e meninas, nas quais mais de 100 mil não tiveram a chance de sobreviverem (SAIDEL, 2009).

A guerra estava preste a eclodir, isto era inevitável, entendeu que seria de uma extrema necessidade a construção de um campo voltado só para apreensão das mulheres que não faziam parte do regime nazista. Por volta do mês de novembro de 1938 foi dado início a construção do campo que visava atender a demanda de mulheres que as tropas nazistas aprisionariam. Como cita Sidel (2009, p.29-30), “a primeira leva consistiu 876 mulheres que chegaram em maio de 1939, a maioria delas antifascistas alemãs, tanto social democrata, como comunistas, algumas judias [...]o objetivo original do campo era encarcerarem e punir prisioneiras políticas, enquanto a Alemanha de preparava para a guerra e usá-las como trabalhadoras escravas”.

Conforme a autora supracitada, com o número elevado de mulheres presas, algumas negociações foram iniciadas com o objetivo de que pudessem adquirir terrenos na comunidade de Ravensbruck, começaram a construí-lo e até o ano de 44 precisou passar várias ampliações. Porém, antes de enviarem mulheres prisioneira para Ravensbruck, muitas já se encontravam há alguns anos em prisões. O terreno que serviu para construir o campo e que seria o pior lugar onde uma pessoa pudesse residir encontrava-se em uma localização onde poderiam muito bem camuflar as atrocidades que aconteciam dentro do campo, pois era um lugar isolado onde jamais alguém poderiam desconfiar qual era a principal finalidade do campo. De acordo com a autora:

Até 1940, a área do campo era aproximadamente 21 metros quadrados, cercada por um muro de mais de 4 metros de altura, coberto por arame farpado eletrificado. Dentro dos muros erguia-se uma edificação de madeira para lavar e cozinhar, e dezesseis barracas. Destas, duas eram usadas como enfermarias de prisioneiras (Reviere) e as outras catorze constituíam alojamentos para as prisioneiras, dispostas de ambos os lados da Lagerstrasse, a via principal do campo. Essas primeiras barracas estavam equipadas com 135 camas e subdividiam-se em dois dormitórios, duas salas de jantar, um banheiro e um escritório para o supervisor da SS do bloco (SAIDEL, 2009. p.32).

Em 1939, após o início da guerra o campo estava pronto para receber as prisioneiras dentre elas, prisioneiras políticas, judias, testemunhas de Jeová entre outras. As mulheres que eram enviadas para Ravensbruck eram obrigadas a trabalharem durante horas e o serviço era extremamente pesado para uma mulher executar, o que acabavam deixando-as exaustivamente cansadas (SAIDEL, 2009).

Ao longo que a guerra se estendia a quantidade de prisioneira aumentava no campo já não estava mais suportando ao número elevado de mulheres que eram enviadas a Ravensbruck, de acordo com a pesquisa o campo fora construído para receber em torno de 3 mil mulheres, porém a estatística aumentava cada vez mais, fazendo assim com milhares de mulheres ficassem aglomeradas por falta de espaço (SAIDEL, 2009).

4.1.2 As mulheres que serviram aos propósitos de Hitler



Figura 5 – Oficiais nazistas brincam com as tigelas vazias em Auschwitz. Fonte: www.dw.com.pt-br.

As mulheres que compactuaram com as atrocidades de Hitler contra a humanidade e aderiram a causa do regime eram extremamente jovens, as mulheres

que exerciam atividade de secretária tinha uma faixa etária de 18 a 25 anos, foram também responsáveis pela organização dos assassinatos em campo. Para ser uma guarda no campo, precisava que atendesse a idade desejada pelo regime. As enfermeiras que exerciam sua função nas zonas de guerra, no qual por muitas vezes acabavam assistindo a experimento médico, e que de vez enquanto fazia aplicação de injeções letais fazia parte de um grupo de profissionais muito jovens que se formaram para salvar vida e ao adentrar para atender aos objetivos de Hitler, acabaram contribuindo para abreviar a morte de muitos (LOWER, 2014).

As mulheres que se alistavam para fazerem parte do movimento e exercerem a função de guarda ou supervisora da SS, a SS eram uma tropa constituída por homens de elite, todos selecionados pela considerada “pureza” racial e pela fidelidade incondicional ao Partido Nazista a maioria eram jovens que não contava com algum tipo de formação profissional e devido a busca por oportunidades melhores foram alvos fáceis de serem convencidas de que as políticas nazista de Hitler seriam a melhor alternativa para transformar Alemanha no país em que todos desejavam que fossem. Foram manipuladas pelo regime de terror que cobria a Alemanha, o sistema soube trabalhar muito bem as convicções ideológicas, fazendo com que essas jovens despertassem o sentimento nacionalista e assim fossem usadas pelo nazismo(LOWER, 2014).

Algumas até se interessaram em trabalhar para o movimento apenas para poderem ter um trabalho e ganhar algum dinheiro, porém, as ideias nazistas foram aos poucos atraindo essas mulheres, aos poucos foi se deixando envolver com o partido nazista, e acabaram aderindo os planos de Hitler, ajudando-o no escritório do partido onde pôde de certa forma ser útil para o movimento (LOWER, 2014).

Quando Hitler assumiu o poder ele pode então dá início a execução de seus planos que eram voltados para uma Alemanha puramente ariana, deu-se início a uma ditadura, onde enfatizaram claramente que a exclusão racial seria a saída para tirarem do mapa às pessoas que não eram dignas de continuarem vivas, na visão de Hitler. Foi de acordo com sua ideologia que começaram então as perseguições, as mulheres que faziam parte de outro sistema condenado por Hitler e as que se recusavam em aceitar o mesmo como governante também estavam inseridas nessas perseguições. Com o aumento de mulheres capturadas pelo regime houve a grande necessidade de

aumentarem o número de guarda femininas para comandarem as mulheres presas no campo (LOWER,2014). Segundo a autora:

Que o “asilho de Moringen foi transformado no primeiro campo de concentração o Reich com internas femininas, inclusive testemunhas de Jeová, que eram pacifistas e que se recusavam a aceitar Hitler como seu supremo salvador. [...]o aumento de prisioneiras significava um aumento de guardas femininas recrutadas na organização de Mulheres do Partido Nazista” (LOWER, 2014, p. 22-23).

Com o decorrer da guerra e o aumento de prisioneiros, algumas mulheres se ofereceram para trabalharem no campo como guarda do regime nazista, tiveram a necessidade de enviarem médicas femininas para atuarem dentro do campo, houve um grande número de mulheres voluntárias e que foram recrutadas e treinadas para exercerem a função de guarda, pois para muito delas, executar tal tarefa mesmo que fosse a um lugar onde seriam cometidos assassinatos, seria uma boa oportunidade de arranjar um trabalho assalariado. E seria o local ideal para algumas dela que carregava dentro de si, algum sentimento voltado para atos de plena maldade (LOWER, 2014).

Como foi falada anteriormente, a maioria das mulheres que foram selecionadas para comandar as prisioneiras dentro do campo tinha pouca formação, e algumas das guardas eram até criminosas ou prisioneiras, e era usada para o serviço como um meio de se reabilitarem ao sistema nazista. Quando o treinamento das mulheres que iriam para o campo como guarda feminina terminava elas eram submetidas a um juramento, e ao adentrar no lugar mais sombrio e usufruindo de um cargo poderia exercer assim o poder que o nazismo teria dado a elas, dando início assim as mais terríveis crueldades contra as mulheres que eram prisioneiras de Ravensbruck (LOWER, 2014). A autora relata:

Pelo menos 35 mil mulheres foram treinadas como guardas de campo de concentração, a maioria em Ravensbruck [...]. As voluntárias desse serviço macabro viam os locais de extermínio em massa como lugares de emprego e oportunidade. O uniforme era impotente, o salário bom e a perspectiva de exercer poder era sedutora (LOWER, 2014, p.23).

O campo foi construído com a finalidade de atender a demanda das mulheres prisioneiras de Hitler, ao serem enviadas ao campo muitas delas nem puderam imaginar que o mesmo seria pode-se dizer que seria praticamente administrado por

outras mulheres. Não tiveram a capacidade de pelo menos levantar a hipótese que os guardas que ficariam com a função de monitorá-las e até castigá-las seriam do mesmo gênero. E que seriam capazes de cometer as mais duras e que seria incapaz de sentir remorso por tal atitude, causando o sofrimento de várias mulheres, saciando um desejo de ódio e poder ao ver tanta vulnerabilidade diante delas (LOWER, 2014).

Por causa da guerra a mulheres começaram a ter o seu espaço, podendo assim buscar uma formação profissional para dar início a um a participação maior na sociedade, apesar da Alemanha necessitar da mão de obra feminina, por causa da saída dos homens de alguns setores de trabalho para irem para frente de batalha, ainda prevalecia à ideia de que para a mulher caberia apenas função de esposa e procriadora, pois caberia a ela colocar filhos saudáveis e com o sangue puramente alemão no mundo, para assim poderem construir uma Alemanha composta apenas por pessoas totalmente arianas (LOWER, 2014).

E foi com o a ascensão do nazismo que muitas dessas mulheres tiveram a oportunidade de serem inserida ao mercado de trabalho e poderão demonstrar que não tinha nada de sexo frágil, como era de costumes os homens comentarem, e para enfraquecer essa ideia tiveram a oportunidade de demonstrar que poderiam até serem melhores do que os homens, exercendo assim funções que eram destinadas a eles, e que dependendo da ordem que recebiam para executar dentro do campo não hesitariam em obedecê-las. Foi nesse período onde elas buscavam encontra o seu lugar no seio da sociedade que poderiam trazer à tona seu lado mais sombrio e desumano. Sendo capazes de realizarem os piores crimes torturas contra outras pessoas do mesmo sexo (LOWER, 2014).

4.2 AS MULHERES NAZISTAS E OS CRIMES COMETIDOS POR ELA DENTRO DO CAMPO

Para Saidel (2009), os sofrimentos das mulheres prisioneiras que eram enviadas a Ravensbruck, pelos oficiais nazistas foram de extrema brutalidade, sem nenhuma piedade as guardas praticavam todos os castigos que poderiam ser aplicados contra uma pessoa. Não somente as guardas que eram escolhidas para observar e comandar o campo, com o objetivo de fazer cumprir todas as ordens de seus superiores, como

também as esposas dos homens de confiança de Hitler, faziam uso de tais punições contra as prisioneiras, quando iam junto com seus maridos nas visitas ao campo Ravensbruck. De acordo com a autora:

Uma sobrevivente, Gemma LaGurdia Gluck, evocou uma tortura particularmente grotesca e sádica: “Havia a ‘sala de do gelo’ em Ravensbruck, onde pelo menor delito a gente era obrigada a ficar descalça horas a fio em cima do gelo. Para um castigo severo, muitas prisioneiras eram despidas e jogadas na sala de gelo. Não admira que tantas ficaram permanentemente doentes em decorrência dos campos” (SIDEL, 2009, p.30).

4.2.1 Algumas profissionais que trabalharam para o regime nazista



Figura 6 – Imagem das secretárias Gertrude Segel (esquerda) e Liselote Meier (direita).
Fonte: As mulheres do Nazismo.

Quando Hitler colocou em prática seus planos tinha em mente um país totalmente limpo e puro de pessoas consideradas indignas de viver em solo alemão, deu-se início a uma dura perseguição implacável contra os judeus, e outros tipos de pessoas entraram nos planos loucos dele. Não somente os judeus, mas os ciganos, deficientes, homossexuais, lésbicas e os demais que não compartilhavam os mesmos ideais dele, foram alvos que teriam que serem exterminado para poder dar início a construção de uma Alemanha totalmente ariana (SAIDEL, 2009).

Nem as mulheres conseguiram ficar fora do ódio do ditador, ao serem capturadas eram enviadas para o campo Ravensbruck para trabalharem como escravas, ao chegar eram tratadas como animais tinham seus cabelos raspados o que já acarretava uma grande humilhação. Para ser mais fácil a identificação delas dentro do campo, recebiam um triângulo de cores, o que relacionavam a sua nacionalidade, as que faziam parte de algum partido político, grupo étnico e até opção sexual, todas eram identificadas dessa forma (SAIDEL,2009). De acordo com a autora:

Os nazistas dividiram as prisioneiras em categorias específicas, identificadas por meio de triângulos com código de cor característicos nos seus uniformes: amarelo para as judias, vermelho para as prisioneiras políticas, roxo para as testemunhas de Jeová, preto para as associadas e verde para as criminosas. Algumas prisioneiras judias eram também classificadas como políticas e usavam um triângulo vermelho e outro amarelo, dispostos como uma estrela de Davi (SAIDEL, 2009, p.43).

Para Saidel (2015) já não bastava sentir a sensação de terror ao ser levada para o campo de concentração ainda eram submetidas a viver constantemente humilhadas dentro dele, ao ser diferenciado por cores que a designavam o que eram ou deixava de ser, com essas identificações estavam sujeitas a terem que conviver diariamente com humilhações por causa de sua etnia ou opção sexual. Era grande número de mulheres aprisionadas, sendo obrigada a usar tal identificação se tornariam alvos mais fáceis para possíveis humilhações das guardas femininas (SAIDEL,2009).

Para Saidel (2009), ao serem enviadas para o campo, as mulheres eram destinadas ao trabalho escravo, a alimentação era precária o que contribuía para que a mesmas ficassem com o organismo debilitado, ficando vulneráveis a certos tipos de doenças, as punições eram constantes e severas, milhares delas morreram na câmara de gás. Segundo a autora:

Havia muitos métodos para assassinar as mulheres em Ravensbruck, além da superlotação inviável e das rações de fome. Esses métodos incluíam trabalho forçado, tortura, fuzilamento (num corredor concebido especialmente para esse fim) injeção letal, experiências “médicas”, inanição ou gases tóxicos, tanto fora quanto dentro do campo (SAIDEL, 2009, p.36).

O cotidiano dessas mulheres prisioneiras era de extremo sofrimento, as torturas praticadas pelas mulheres que comandavam o campo eram de altíssimos requintes de

crueldade, eram sujeitas a conviver com o cansaço físico e psicológico, pois as mesmas andavam lado a lado com a morte, pois, sabiam que a qualquer momento poderiam ser selecionadas para entra na lista dos quês estavam marcadas para morrer.

As mulheres que se interessavam em trabalhar no período da guerra deveriam passar por vários treinamentos, com os homens partindo para o conflito, houve a necessidade da mão-de-obra feminina foi nessa carência, que algumas mulheres viram a oportunidade de poderem exercer tal atividade (LOWER, 2014).

Conforme Lower (2014) as professoras e enfermeira começaram a trabalharem para o regime nazista essas profissões eram valorizadas já que o primeiro serviria bem ao propósito de Hitler, pois educaria os jovens alemães para o florescimento do sentimento nacionalista. As mulheres que exerciam a profissão de enfermeira foram bastante requisitadas no período da guerra, algumas tiveram participação e presenciaram os assassinatos, trabalhavam nas enfermarias dos campos. Além de suas funções de cuidar dos enfermos que vinha ferido por causa da guerra, visitava os hospitais com a finalidade de selecionar pessoas que eram consideradas indignas de viver, os doentes mentais e físicos faziam parte desse quadro, e após a seleção os levavam para morrerem na câmara de gás. A autora comenta:

Consolavam os homens da SS e os soldados que recuavam antes de atirar nas vítimas a curta distância. Visitavam guetos em inspeções sanitárias oficiais e visitavam guetos também em caráter particular, por curiosidade ou desejo de obter objetos e serviços. Ficavam nas plataformas de trem enquanto judeus trancados nos vagões imploravam por socorro. Foram as primeiras testemunhas do Holocausto na Europa, e algumas cometeram assassinato em massa quando o programa de eutanásia se expandiu da Alemanha para a Polônia (LOWER, 2014, p. 39).

Num período na qual a guerra existia e prevalecia foi fácil transformar uma bela profissão em uma atividade cruel, o nacionalismo e ideologia foram transformando a vida das enfermeiras que era formada para salvar a vida ou aliviar a dor de alguém, porém isso foi ficando cada vez mais distante de ser exercida. Muitas das enfermeiras se transformaram em assassinas contribuindo assim para a realização dos objetivos de Hitler, pois além de fazerem parte de um regime onde pregava superioridade do povo alemão e mortes em massa como uma solução para a limpeza de uma Alemanha

contaminada por raças sujas, elas acabaram contribuindo e facilitando assim a morte de milhares de pessoas (LOWER, 2014).

Algumas das enfermeiras que ficou mais conhecida por se utilizarem de sua profissão para causar assassinato em massa, foram Pauline Kneissler, tinha a responsabilidade de fazer a lista onde continha os nomes dos pacientes que faziam parte de um grupo que não poderiam continuar vivendo, doentes mentais e físicos, e até aqueles que não tinham uma enfermidade seria, para serem mortos na câmara de gás. Além de participar da seleção de pessoas que eram levadas para serem mortas, teve seu envolvimento direto nos assassinatos, abreviando a morte de milhares de seres humanos e causando-lhe dor, sem nenhuma piedade (LOWER, 2014). De acordo com a autora:

Kneissler, fez carreira de matadora em Grafeneck Hadamar e outros locais de “eutanasia” na Alemanha, dando assistência nos procedimentos de gás, deixando pacientes morrerem de fome e aplicando injeções letais na física e mentalmente doentes praticamente todos os dias durante cinco anos (LOWER, 2014, p.46).

Diante de tal crueldade com os pacientes, Kneissler foi considerada umas das melhores matadoras do regime Nazista, o que acabou tendo a aprovação de Hitler para ser transferida para outro local, onde havia um grupo especial de pessoas treinadas e capacitadas para matar (LOWER, 2014).

Apesar de muitas enfermeiras participarem indiretamente e diretamente dos crimes dentro dos campos e até fora deles, o mérito não ficaria com elas. Dentro do regime nazista, as secretárias não ficariam de fora de oportunidade de demonstrarem sua eficiência para Hitler. Outra categoria que teve grande influência nas mortes de pessoas e que muitas não tinham nenhuma profissão específica, eram as esposas dos oficiais de Hitler (LOWER, 2014).

Muitas saíram de suas casas para conseguirem trabalho dentro do movimento onde exerceriam atividade de arquivistas, telefonista. Muitas buscavam uma ascensão profissional e a carência da mão de obra feminina nos escritórios alemães, seria ideal para as mesmas realizarem seus sonhos profissionais. Algumas viram no partido nazista a porta de entrada para conseguirem uma promoção onde trabalhavam muitas delas se filiaram ao partido (LOWER, 2014).

Com a eficiência de algumas dessas jovens que trabalhavam no escritório da Gestapo, demonstraram muita disciplina dentro do regime e foram aos poucos mudando de atividade. E algumas dessas atividades estariam relacionadas a organizações dos assassinatos em massa. De acordo com a autora:

As secretárias que trabalhavam nesse notório departamento do aparato de terror nazista tinham um determinado perfil. Muitas eram membros ou participavam ativamente em organização do Partido antes de partirem para o leste. Eram mulheres serias, seguras de si, que não se intimidavam com o edifício da Gestapo. Em vez disso, as interessadas nesse emprego o viam como um lugar para trabalhar (LOWER, 2014, p.50-51).

Algumas dela até se destacaram dentro do escritório, e foram promovidas a cargos mais elevados dos que exerciam, demonstraram tamanha lealdade. O regime buscava pessoas que pudessem ser de confiança, as decisões que eram tomadas dentro do escritório exigiam de total e absoluto sigilo. E que sobre nenhuma hipótese poderia ser quebrada. Foi nesse momento que muitas tiveram a oportunidade de serem promovidas para outros cargos mais importantes dentro do escritório, pois demonstraram serem devotas ao regime (LOWER, 2014).

Com a grande demanda de mulheres trabalhando dentro do escritório que recebiam ordem de Hitler, uma grande maioria não pode ser acusada de terem participado diretamente do genocídio, porém compactuaram com as execuções devido a função que exerciam cabia elas fazerem e organizarem a lista onde estavam todos os judeus que deveriam ser executados (LOWER, 2014).

As mortes de milhares de judeus pelo regime nazista, no qual pregava superioridade alemã, contaram com inúmeras participações de mulheres, ao participar de tal crime, eram extremamente violentas quando fosse preciso. Porém nem todas que se designaram ir para o Leste mantinha esse ódio pela raça judaica ou por outros grupos étnicos, no entanto a constante convivências com pessoas antisemitas acabaram de certa forma as corrompendo e alimentando-as quanto ao ódio racial, as experiências que vivenciaram acabaram transformando-as em pessoas devotas ao movimento Hitleriano (LOWER, 2014).

A maioria que contribuíram com as SS, praticando algum crime contra um judeu ou com outra tipo de pessoas, não foram somente as mulheres que eram recrutadas para serem guardas femininas do campo de concentração, as que estavam inseridas

dentro desse cenário de terror e que fizeram parte da matança, eram funcionárias que atendiam ao regime com secretárias, algumas não tinha função alguma eram apenas esposas dos oficiais de Hitler, as funções eram variadas e cada uma agia com sua particularidade, mas isso não foram suficientes para impedi-las de demonstrar uma aptidão voltada para a perversidade. De acordo com a autora:

[..]. As mulheres do nazismo vieram de vários extratos sociais: classe trabalhadora e classe rica, com instrução e sem instrução, católica e protestantes, urbana e rural. Todas eram ambiciosas e patriotas. Em graus variados, todas tinham características de ganância, antissemitismo, racismo e arrogância imperialista. Eram todas jovens (LOWER, 2014, p.134).

Conforme Lower (2014) todas as mulheres que fizeram parte do nazismo foram de extrema crueldade e contribuíram para que o plano de eliminarem os judeus fosse executado, todas compactuaram com a ideia da superioridade alemã e aceitaram veemente a usar de violência contra outros povos que não eram considerados alemães puros, alegando que seria necessário usar de tais ferramentas para que o plano de ter um país totalmente ariano fosse concluído.

4.3 O FIM DO CAMPO RAVENSBRUCK E A PUNIÇÃO DE QUEM OS COMANDAVAM

4 3.1 As mulheres sob julgamento

Para Lower (2014) no final da Segunda Guerra, muitos criminosos de guerra haviam sido aprisionados, as pessoas que haviam sido presos pelos alemães nazistas, esperavam ansiosamente a sua liberação. Os promotores americanos viviam sendo pressionados para que realizassem logo os julgamentos dos homens e mulheres que estavam sob custódia na espera de serem julgados.

A organização SS foi declarada criminosa, porém as mulheres que trabalharam como secretaria, atendentes, estenografa faxineiras e outros trabalhos de pequeno status que trabalharam na Gestapo e no escritório da SS não foram acusadas dos crimes de guerra pelo Tribunal Internacional de Nuremberg. De acordo com a autora:

Inspetoras em todo Reich e no Leste que revistavam mulheres e crianças judias em busca de pertences nas estações de trem ou chegada aos campos, e secretárias que transmitiam ordens de matar, que selecionavam trabalhadores e roubavam bens dos judeus as pessoas pertencentes a essas categorias não seriam automaticamente investigadas como criminosas de guerra (LOWER, 2014, p. 137).

Os advogados das mulheres que participaram de alguma atividade do regime nazista tiveram como argumento de que as integrantes do nazismo principalmente as estenografas não tinham conhecimento das políticas criminosas executadas pelos seus superiores e que as mesmas não contavam com nenhuma autorização para terem cometido tais crimes (LOWER, 2014).

As mulheres que foram capturadas e presas sobre a acusação de assassinato em massa, após término da segunda guerra, foram investigadas. Mas os promotores teriam que temerem mãos argumentos fundados para poderem obter a condenação das mulheres que participaram desses crimes. Porém somente uma foi declarada culpada. Muitas dessas mulheres alegaram que não sabiam e nem participavam desses assassinatos. As lealdades que essas mulheres mantinham em relação aos seus maridos, evitaram que as mesmas os delatassem, mesmo que tivessem participado das mortes e das torturas, ou apenas tivessem observado seus esposos cometerem tais crimes, elas jamais os entregariam, o que também acabou dificultando o trabalho dos promotores (LOWER, 2014).

Conforme Lower (2014) uma das mulheres que estavam sendo acusadas era Johanna Altvater, casou-se e mudou seu sobrenome para Zelle, estava em liberdade. Foi a julgamento no dia 18 de setembro de 1978, alegava ser inocente. Ela era acusada pela morte de 09 mil judeus que acontecera nos guetos, e pelos homicídios em massa que ocorreu no ano de 1942 durante os meses de setembro a novembro. Apesar dos testemunhos dos sobreviventes alegando que Johanna teve participação nas mortes dos judeus os promotores não tiveram provas suficientes para conseguir sua condenação e a mesma acabou sendo absolvida. De acordo com a autora:

Acusada, Johanna Altvater Zelle se declarou uma mulher sensível, que abominava a violência. Admitiu ter visto deportações, mas disse que só tinha ouvido falar em fuzilamentos. Tentando angariar a simpatia do tribunal, alegou que durante a guerra era apenas uma jovem, apenas uma secretária que tinha sido mandada para o Leste. Essa imagem conflitava com os artigos de jornais que mostrava o riso em seu rosto ao ouvir os depoimentos sobre a “loura assassina” com um chicote na mão que obrigava os judeus a caminhar para a morte. Excertos de depoimentos de que ela atraía crianças com doces e as matava a tiros, as jogava da sacada e contra o muro do gueto, também tiveram lugar na cobertura da imprensa (LOWER,2014, p.145).

Após ouvirem todos os testemunhos, a promotoria pediu que Zelle fosse condenada à prisão perpétua e fosse presa imediatamente alegando que a mesma não estava sob custódia durante o julgamento. O juiz acabou negando os dois pedidos e Zelle foi absolvida por falta de provas contundentes. Em novembro 1979 Johanna Altvater foi considerada inocente. Porém, a absolvição da ré causou uma revolta na população, as pessoas que eram parentas das vítimas do nazismo realizou no centro da cidade um protesto contra a liberação da acusada (LOWER, 2014).

Foi a partir de julho de 1980 o caso foi reaberto pelo Supremo Tribunal Federal (Câmara de Apelação Criminal) O tribunal alegara que não foi dada pelo Juiz que presidiu o julgamento na época, a devida importância às evidências. O segundo julgamento foi iniciado em março de 1982, novas testemunhas foram ouvidas, e a reunião das provas e de depoimentos já perdurava aproximadamente por 20 anos. E para a surpresa de todo o promotor deu fim ao processo no fim de novembro, pedindo ao Tribunal que Zelle fosse absolvida. Ele argumentou que apesar dos testemunhos, as credibilidades dos mesmos estavam em dúvida, e que mesmo que as histórias fossem verídicas, os depoimentos recolhidos não conseguiram constituir provas objetivas. O fato de que Zelle era anti-semita isso era inquestionável, porém não podiam condená-la por assassinato, simplesmente por falta de insuficiências de provas (LOWER, 2014). De acordo com a autora:

Em dezembro de 1982, Zelle[...] foi absolvida pela segunda vez. Houve outro protesto, seguido por uma enxurrada de críticas da imprensa na Alemanha e em outros países. Zelle morreu em Detmold em 2003, uma semana antes de seu aniversário de 85 anos. No caso de Johanna Altvater Zelle, a falta de evidências escritas nos tempos da guerra levou à sua absolvição, apesar de o promotor acreditar que ela brutalmente crianças judias num gueto na Ucrânia (LOWER, 2014, p.146).

As mulheres como Gertrude Segel, Liesel Willhaus, Josefina Block, Vera Wohlauf e Erna Petri também participaram dos crimes nazistas, eram esposas dos oficiais de Hitler, porém os promotores tiveram dificuldades em encontrar dados consistentes que comprovassem que as esposas dos homens da **SS**, tivessem tido algum envolvimento com os assassinatos. E as mesmas só tiveram atenção a promotoria, devido ao fato dos seus esposos terem participado dos crimes, na qual os testemunhos das pessoas que sobreviveram a esses massacres, davam seus depoimentos que as mulheres desses oficiais também teriam sua culpabilidade nas mortes de outros judeus (LOWER, 2014).

No ano de 1947 a 1948, Gertrude Segel Landau foi detida, ao ser interrogada a mesma negou todas as acusações. Ao ser pressionado, ela argumentou que muito tempo havia se passado e que se lembrava de pouca coisa. E que ainda não era casada Com Felix, era apenas uma namorada e que pelo fato de ser apenas uma simples secretária, não teria como ter participado de tais crimes. Alegou ser inocente e que jamais tivera envolvimento nos assassinatos e que seu marido fora o único responsável pelas mortes dos judeus.

Segundo (LOWER, 2014, p.147) “Gertrude bancava a submissa com as autoridades do pós-guerra como uma demonstração de sua inocência nos tempos de guerra”. Usou os argumentos de que não era criminosa, e que após ser intimada não se recusou a comparecer no Tribunal e que respondera todas as perguntas da promotoria, e que o único culpado teria sido seu ex-marido e era este quem deveria estar sendo perseguido já que se encontrava foragido, diante de tais argumentos não tiveram como acusá-la Gertrude pelos crimes de guerra (LOWER, 2014).

As investigações para capturarem as criminosas de guerra continuaram, e chegou até Josefina Block outra mulher acusada de ter participado de crimes contra os judeus. De acordo com a autora:

As investigações austríacas revelaram uma rede vienense de perpetradores e cúmplices nos escritórios da SS e da polícia na Galícia, o antigo território dos Habsburgo na Ucrânia. Dessa rede faziam parte secretárias e esposas de chefes da SS. Em Outubro de 1946, a polícia austríaca prendeu a vizinha de Gertrude, Josefina Block, em seu apartamento na Apollogasse. Essas duas perpetradoras de Drohoby moravam mais uma vez na mesma rua em Viena. Josefina Block foi acusada de crime contra a humanidade, crimes de guerra e assassinato. Durante uma busca em seu apartamento, polícia encontrou fotos dos tempos de Guerra (LOWER, 2014, p.148).

Após a interrogação Block falou que em algumas ocasiões estivera presente nos momentos que aconteceu tais crimes, mas que em nenhum momento confessou sua participação nos assassinatos, e tão pouco alguém foi machucado ou espancado por ela. Josefina Block alegou tentou de todas as formas parecer inocente e que o responsável pelas mortes dos judeus era seu marido que já havia falecido e que por causa dele as vítimas a perseguiram.

Em seu depoimento declarou que teria salvado a vida de alguns sobreviventes, e a acusou um judia de que para salvar sua própria vida abandonou a filha, que tinha apenas um ano de idade. Diante de tais argumentos o Tribunal acabou absolvendo Bloch das acusações (LOWER, 2014).

Segundo a autora supracitada depois de uma década após a absolvição de Block, no ano de 1960, finalmente Vera Wohlauf foi interrogada sobre as atividades de seu esposo no período que acontecia a guerra Wohlauf quis testemunhar apesar de não ser obrigada a fazer isso. No dia 19 de novembro de 1964 a mesma e os investigadores se encontraram pela parte da manhã onde foi questionada a sua estadia na Polônia, na qual havia ocorrido um massacre contra os judeus, Wohlauf afirmou que não estivera em tal local, evitando assim que provassem sua participação nos assassinatos. Segundo a autora.

Wohlauf respondeu que chegou a Radzyn no final de julho de 1942, pulando os períodos dos massacres no gueto em agosto de 1942, Vera disse que retornou a Hamburgo em setembro. Apesar de sua afirmação de ter ficado apenas em Radzyn enquanto esteve na Polônia, o interrogador a localizou em Miedzyrzec, onde ocorreram os massacres (LOWER, 2014, p.149).

Vera foi questionada sobre os crimes que haviam acontecido e se em algum momento participara das mortes dos judeus, a mesma afirmou que presenciou o assassinato de uma mulher idosa o viu o gueto ser esvaziado, mas que não teve nenhum envolvimento com as mortes, alegou que não sabia do que acontecia nos guetos e nem da participação do seu esposo nesses crimes. Depois de seus argumentos, a promotoria não teve provas suficientes para conseguir sua condenação, devido ao fato de não poderem provar que a mesma estivesse presenciada, ou participado das mortes dos judeus.

Elisabeth “Liesel” Willhaus também foi uma das mulheres que foi indiciada por assassinato em massa, seus crimes não ficaram escondidos como a mesma queria. Liesel era casada e seu esposo tinha sido enviado para lutar na guerra onde acabou sendo morto em ação, em março de 1945 Liesel ficou viúva e com um filho ainda pequeno para criar, sem condições financeiras voltou a morar com a família e após algum tempo conheceu um advogado no qual acabou contraindo o matrimônio (LOWER, 2014).

Em 1964 foi investigado, porém apesar de alguns relatos sobre sua atividade nos tempos de guerra, não havia documentos que comprovassem que os depoimentos das testemunhas que deporão contra ela, eram verdadeiros, mesmo que Liesel tivessem presente nas cenas dos crimes e tivesse participado dos assassinatos, não poderiam responsabilizá-la. E diante de faltas de provas, os investigadores não tinham argumentos suficientes para acusá-la e conseguirem uma condenação (LOWER, 2014). De acordo com a autora:

Os promotores alemães observaram que uns números notáveis de pessoas testemunharam contra Willhaus. Nem todos eram sobreviventes judeus, cujas lembranças e depoimentos eram considerados menos confiáveis por muitos tribunais alemães. Na verdade, alguns que depuseram contra ela eram ex-colegas de seu marido na SS. Todos os que depuseram, bem como os promotores que levantaram os casos, se mostraram chocados com o comportamento da esposa do comandante, que “ia contra todas as nações preconcebidas do caráter feminino”. Contudo, por motivos que permanecem obscuros, ela foi libertada (LOWER, 2014, p.152).

Apesar dos testemunhos dos sobreviventes do regime nazista, muitas das mulheres que foram acusadas de terem organizado e participado dos assassinatos contra os judeus não foram condenados dados apurados pela pesquisadora revela que talvez a única mulher que realmente foi condenada pelos crimes de guerra e assassinatos fora Erna Petri.

4.2.2. Erna Petri, a única mulher condenada pelos seus crimes



Figura 7 – Imagem de Erna Petri, na prisão. Fonte: Mulheres do Nazismo.

No ano de 1961 Petri foram capturadas, 17 pessoas testemunham contra ela e de acordo com os testemunhos a promotoria conseguiu formar uma linha de acusação, na qual a mesma era responsável pelas torturas, maltrato e mortes dos trabalhadores e de judeus, em setembro de 1962 Petri foi a julgamento (LOWER, 2014).

No período em que esteve presa, Petri era submetida a constantes interrogatórios, os investigadores queriam arrancar uma confissão da mesma, para poderem usar para conseguir sua condenação. Assim que Erna foi levada à prisão manteve seus argumentos alegando ser inocente, e que não tivera nenhuma participação das mortes pelo qual era acusada.

Porém com o passar dos dias sobre confinamento e exaustivos interrogatórios, não teve mais condições de manter sua versão e acabou cedendo e confessando seus crimes. A mesma declarou que tinha medo de ser punida e de certa forma tinha a esperança de que seu marido assumisse a culpa por tais assassinatos. Ainda em seu depoimento declarou que teria matado algumas crianças e que ela e seu esposo combinaram de manter segredo em relação ao acontecido, pois não tinha autorização pelos oficiais da **SS**, para realizar tal atividade e que poderia acabar sendo investigada pelos mesmos (LOWER, 2014).

Na época, apesar de existir mulheres que eram integrantes do regime nazista e que até participavam de alguns assassinatos mostrando uma personalidade diferente do que os homens estavam acostumados a terem em relação ao sexo feminino, ainda predominava a ideia de que certas atividades deveriam ser restringidas a mulher e que

somente aos homens cabia o direito de exercer certas funções (LOWER, 2014). De acordo com a autora:

No julgamento, Erna e Horst disseram ao juiz que, durante a guerra, eles tinham decidido manter silêncio sobre Erna ter atirado nas crianças[...]. Como Erna não era autorizada oficialmente a matar judeus, havia uma chance de ser interrogada por um investigador da SS. Ademais, disse Horst, ele não queria que a Esposa fosse objeto de falatórios. Um homem sádico era aceitável, e até eficiente, para “subjugar os nativos”. Mas uma mulher sádica era um problema em potencial, um alvo de vingança até de constrangimento. A própria Erna parecia insegura a respeito de como suas ações seriam recebidas (LOWER, 2014, p.154)

Erna relatou que antes de assassinar as crianças alimentou-as, achava que com esse argumento poderia acabar deixando o tribunal comovido por suas ações de bondade antes de matar crianças inocentes a sangue frio. Diante das confissões de Petri, o tribunal deu o veredicto condenando Erna a prisão perpetua. Porém, quando foi levada para prisão para cumprir sua pena, a mesma deu início a longas apelações, tentou argumentar que era inocente, retirando assim todas as confissões.

No dia 18 de setembro de 1963, Petri entrou com uma apelação insistentemente afirmou que jamais teria assassinado alguém e que em nenhum momento de sua vida teve a chance de segurar uma arma. Por mais de duas décadas Erna tentou apelar por sua liberdade, apesar de ter seu pedido negado constantemente, ela tentou fazer com que seu caso fosse reaberto (LOWER, 2014).

O caso de Erna Petri foi revisto pelos juristas alemães, da Alemanha Ocidental e diante da revisão do mesmo, muitos políticos que estavam presos conseguiram serem libertados e outros tiveram a oportunidade de ter sua pena reduzida. Erna contava com o apoio dos filhos que buscavam incansavelmente a libertação da mãe, que estava cumprindo prisão perpetua. Apesar de tantas apelações feitas com a alegação de que Erna já teria passado mais de duas décadas aprisionadas, Petri continuava presa, mantendo assim a sentença dada pelos tribunais (LOWER, 2014). De acordo com a autora:

Erna Petri, apesar de não ter obtido perdão nem reabilitação, acabou sendo libertada. Voltou para casa em 1992, por motivo de saúde[...]. Erna morreu em julho de 2000. Havia comemorado seu aniversário de 80 anos poucos meses antes (LOWER, 2014, p. 156).

Para Lower (2014) a quantidade condenação das pessoas que eram acusadas de crimes nazistas eram muito pequenas, e seria bem provável que se Erna morasse na Alemanha ocidental, a mesma poderia até ir a julgamento, mas dificilmente seria condenada a ter que passar o resto de sua vida na prisão, provavelmente voltaria a fazer parte da sociedade, como se não tivesse cometido nenhum crime de assassinato.

4.2.3 O desfecho desse julgamento para as mulheres Nazistas do Campo Ravensbruck

Para Lower (2014) muitas mulheres foram acusadas por crimes de guerra, mas nem todas foram condenadas apesar de muitos relatos dos testemunhos, na qual declaravam que muitas agiam com uma frieza incompreensível. O regime nazista foi uma porta aberta para que algumas tivessem a chance de provarem que eram tão capazes quanto aos homens de serem perversas e que poderiam realizar tais tarefas, nos qual eram designados somente ao sexo masculino.

Porém, os que as uniam para participarem de tantos assassinatos era o antissemitismo. O movimento nazista cada vez mais alimentava seu ódio pelos judeus, que eram considerados inimigos do Reich. E o único sentimento que as moviam eram justamente essa aversão a essa raça, e as demais que não se enquadravam como pessoas consideradas puras pelo regime nazista, tinham a sensação de que estavam cumprindo o seu dever o que contribuiu para cometer inúmeros assassinatos (LOWER, 2014). De acordo com a autora:

[..]muitas poucas mulheres foram acusadas depois da guerra, e menos ainda foram julgadas e condenadas. Depoimentos de sobreviventes, muitas vezes as únicas evidências disponíveis, não eram considerados suficientemente fortes, e muitas das réis, especialmente as com aparência maternal e dócil não pareciam capazes de cometer aquelas atrocidades (LOWER, 2014, p.157).

Mesmo com os depoimentos dos sobreviventes, a promotoria não conseguiu reunir provas irrefutáveis para conseguir a condenação das réis, muitos não acreditavam que essas mulheres seriam capazes de tais atrocidades contar a vida humana, pois eram aparentemente dóceis. E mesmo diante de documentos que relatava que muitas mulheres trabalhavam nas agências do regime nazista, que era uma organização

criminosa, não teve tanta seriedade como imaginavam. O que de certa forma acabou sendo conveniente para as mulheres que estavam sendo acusadas (LOWER, 2014).

Para Lower (2014) os homicídios e tortura praticados por essas mulheres aconteceram e houve testemunhas isso é fato, porém não foi dada a devida importância para a causa, justamente porque eram mulheres e muitas foram influenciadas por seus companheiros o que foi muito conveniente para elas, sem provas contundentes para condená-las e assim saíram impunes e livre para viverem sua vida tranquilamente como se nada tivesse acontecido.

Enquanto as vítimas que sobreviveram a esse período de terror, teriam que conviver com o sentimento de injustiça, ao saber que nenhuma dessas mulheres que cometeram tais brutalidades foi condenada e saíram impunes, cabendo somente a elas carregar para sempre consigo as marcas e os traumas da dor de um sofrimento até os finais de seus dias.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que essa pesquisa embasada na Revisão Bibliográfica, com o intuito de expor um pouco mais dos acontecimentos históricos que ficaram marcados no período da Segunda Guerra Mundial, abordou o contexto das mulheres alemãs e a sua participação nas guerras e no pós-guerra na vida delas.

Foi de extrema importância narrar um pouco mais da história das mulheres dentro do episódio de um dos conflitos mundiais que impactou o mundo, porque a mulher não aparece na história, ficando sempre a margem da sociedade e como sujeito secundário.

Para a acadêmica foi importante reconstruir a importância da mulher dentro da História, visando assim, seu envolvimento como um sujeito ativo, mostrando, que a mulher sempre representou um papel fundamental na construção dos fatos históricos.

Ao elaborar o trabalho foi percebido que não seria uma tarefa fácil, pois o tema iria abordar um assunto ainda pouco conhecido pelos jovens que estudam o Ensino Fundamental e Médio, porém, foi percebido que nos livros didáticos não existem nenhum relato que mostra que no período da segunda mundial, houve um campo de concentração voltado unicamente para as mulheres.

Os livros de História relatam muito pouco sobre o campo Auschwitz e o campo Ravensbruck, e que seria um lugar ideal para aniquilar as pessoas, mas que não faziam distinção entre os sexos, ou seja, era para receber homens e mulheres, no entanto, ainda nos livros, o conteúdo é muito pouco, para o que se deveria falar e expor desses campos, e ainda mais mostra que havia um campo na qual foi exclusivamente construído para receber somente pessoas do sexo feminino.

Ao decidir a escolha do tema, foi realizada a escolha sucinta dos livros que serviram de embasamentos para o estudo, as obras que foram de extrema importância para poder auxiliar-me nessa jornada acadêmica, contou com alguns autores renomados como Rochelle G. Saidel (2009), Demétrio Magnoli (2006), Mary Fulbrook (2016) e Peter Burke (1992).

A metodologia escolhida contribuiu para ampliar mais os conhecimentos sobre as duas Guerras Mundiais, principalmente sobre o regime imposto pelo ditador Adolf Hitler e sobre as mulheres que fizeram parte desse movimento, no qual suas participações

dentro do mesmo tiveram grande impacto na vida de milhares de outras mulheres consideradas “associáveis” dentro desses quadros deficientes a prostitutas, judias etc., que eram alvos na visão da ideologia de Hitler para ter um país totalmente puro e ariano deveriam morrer. Foi preciso fazer uso de vários livros e artigos que falavam sobre os campos de concentração e sobre a participação das mulheres que aceitaram a fazer parte de um regime tão radical como o nazismo.

Através desse trabalho os leitores e estudantes que ainda não possuem um conhecimento sobre o campo de concentração Ravensbruck voltado exclusivamente para o sexo feminino, terão a oportunidade de saber mais sobre os fatos que ocorreram no período da Segunda Guerra Mundial, não somente os conflitos, mas também sobre as torturas, de como as mulheres nazistas permitiram-se a compactuar com esse regime colaborando assim com as ideias de Hitler.

Para os alunos e acadêmicos e também para os leitores que buscam ampliar mais o seu conhecimento em torno do assunto que é a Segunda Guerra Mundial e principalmente o envolvimento das mulheres nazistas dentro desses acontecimentos que tiveram um grande impacto na sociedade, e que ainda hoje causam uma grande repercussão, pois, foi um período que ocorreram perseguições e assassinatos em massa, nos quais milhares de pessoas inocentes foram executadas, na qual as mulheres se tornaram um dos instrumentos essencial para concluir os projetos de Hitler que seria reconstruir uma Alemanha totalmente pura.

Enfatizando assim o envolvimento da mulher dentro o contexto histórico, mostrando que as mesmas sempre tiveram seu papel ativo dentro da sociedade, mesmo que ficassem alienadas aos poucos elas foram se inserindo dentro da historicidade, os efeitos e acontecimentos históricos não ficaram isentos de sua participação. Ressaltando assim que mulher num contexto geral sempre teve seu papel fundamental para a construção dos fatos que surgiram na história.

REFERÊNCIAS

- BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Mundo**. Versão brasileira da editora. 2. ed. São Paulo: Fundamental Educacional, 2011.
- BURKE, Peter. **A Escrita a História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CROUZET, Maurice. **A Época Contemporânea**: declínio da Europa; O mundo soviético. Tradução de J. Guinsburg e Vitor Ramos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- COGGIOLA, Osvaldo. **II Guerra Mundial**: causas, estrutura, consequências. Disponível em: <<https://raquelcardeiravarela.files.wordpress.com/.../oc-segunda-guerra-mundial-2.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2017.
- FULBROOK, Mary. **História Concisa da Alemanha**. Tradução de Barbara Duarte. 2. ed. São Paulo: EDIPRO, 2016.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. 1925. Disponível em: <www.sanderlei.com.br/PDF/Adolf-Hitler-Meim-Kampf-PT.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.
- LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5. ed. 4. reimp. São Paulo: Atlas, 2010.
- LOWER, Wendy. **As Mulheres do Nazismo**. Tradução: Ângela Lobo. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014. Disponível em: <www.politicaedireito.org/br/wp-content/.../As-mulheres-do-nazismo-Wende-Lower-1-pdf>. Acesso em: 02 fev. 2017.
- MAIOLI, Ivo. **II Guerra Mundial**. Maio 2004. Disponível em: <www.maquinasdecombate.com.br/livro-segunda-guerra-mundial-pdf/>. Acesso em: 08 jul. 2017.
- MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Scipione, 1999.
- OLIVEIRA, Dimas da Cruz. **II Guerra Mundial**: Grandes Líderes. São Paulo: Hunter books, 2015.
- NYISZLI, Miklos. **Auschwitz o Testemunho de um Médico**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1974. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

OLIVEIRA, Dimas da Cruz. **II Guerra Mundial: Holocausto**. São Paulo: Hunter books, 2015.

RODRIGUES, Luiz Cezar B. **A Primeira Guerra Mundial**. 13. ed. Ver. Atual. São Paulo: Atual, 1994. Disponível em: <www.textosdehistoria.xpg.uol.com.br/unidade-l-texto-2-rodrigues-a-primeira-guerra-mundial>. Acesso em: 01 jan. 2016.

SAIDEL, Rochelle G. **As Judias do Campo de Concentração Ravensbruck**. São Paulo: Editora da Universidade, 2009.

VIZENTINI, Paulo G. F. **Manual do Candidato: história mundial contemporânea (1776-1991) da independência dos Estados Unidos ao colapso da União Soviética**. In: VISENTINI, Paulo F.; PEREIRA, Ana Lúcia D. Apresentação do Embaixador Georges Lamazière. 3. ed. rev. atual. Brasília: FUNAG, 2012. Disponível em: <[www.funag.gov.br/.../1005-manual do candidato-História-mundial-Contemporanea-1](http://www.funag.gov.br/.../1005-manual%20do%20candidato-Hist%C3%B3ria-mundial-Contemporanea-1)>. Acesso em: 02 nov.2016.